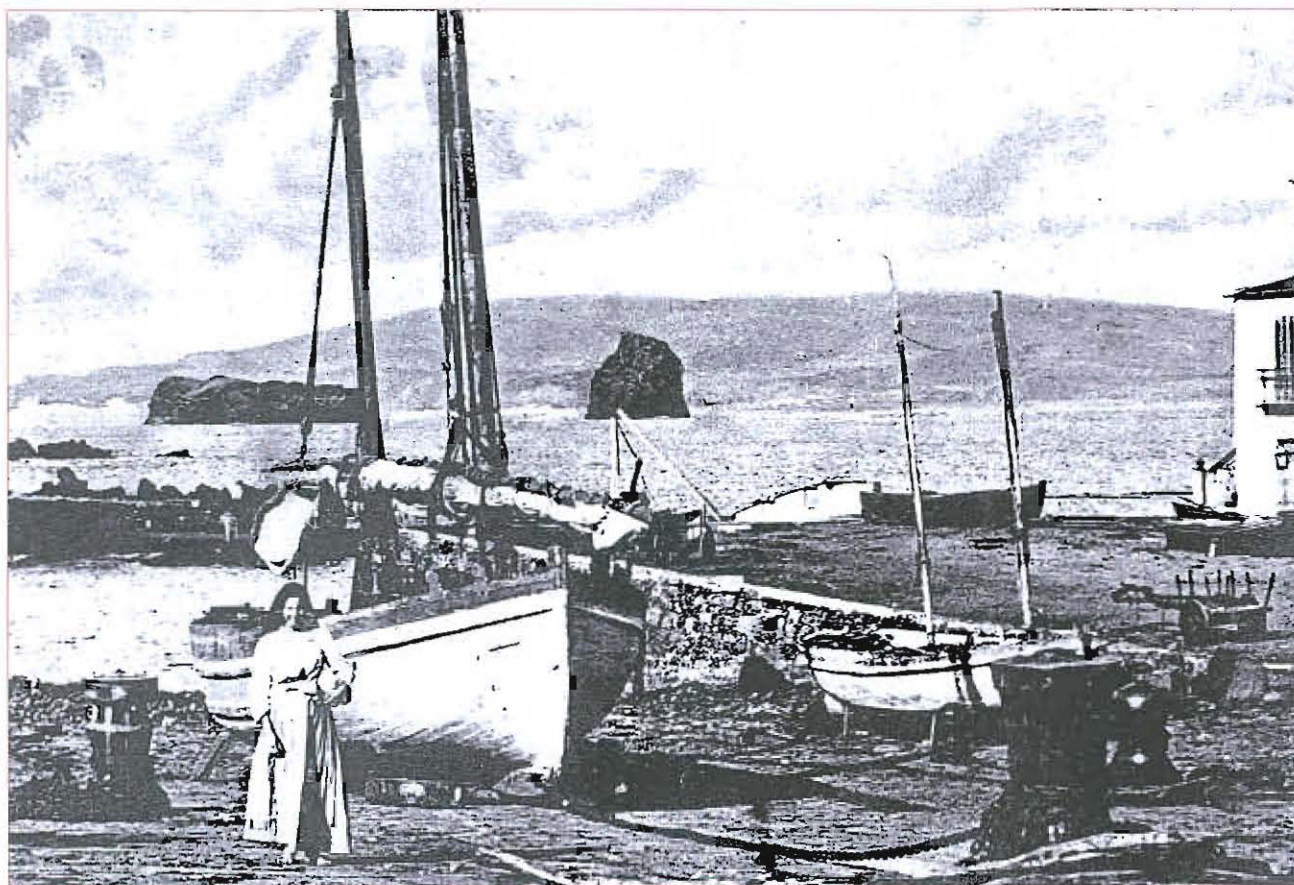




UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

projecto



xii expedição científica • pico 2005 - 6 a 15 de junho

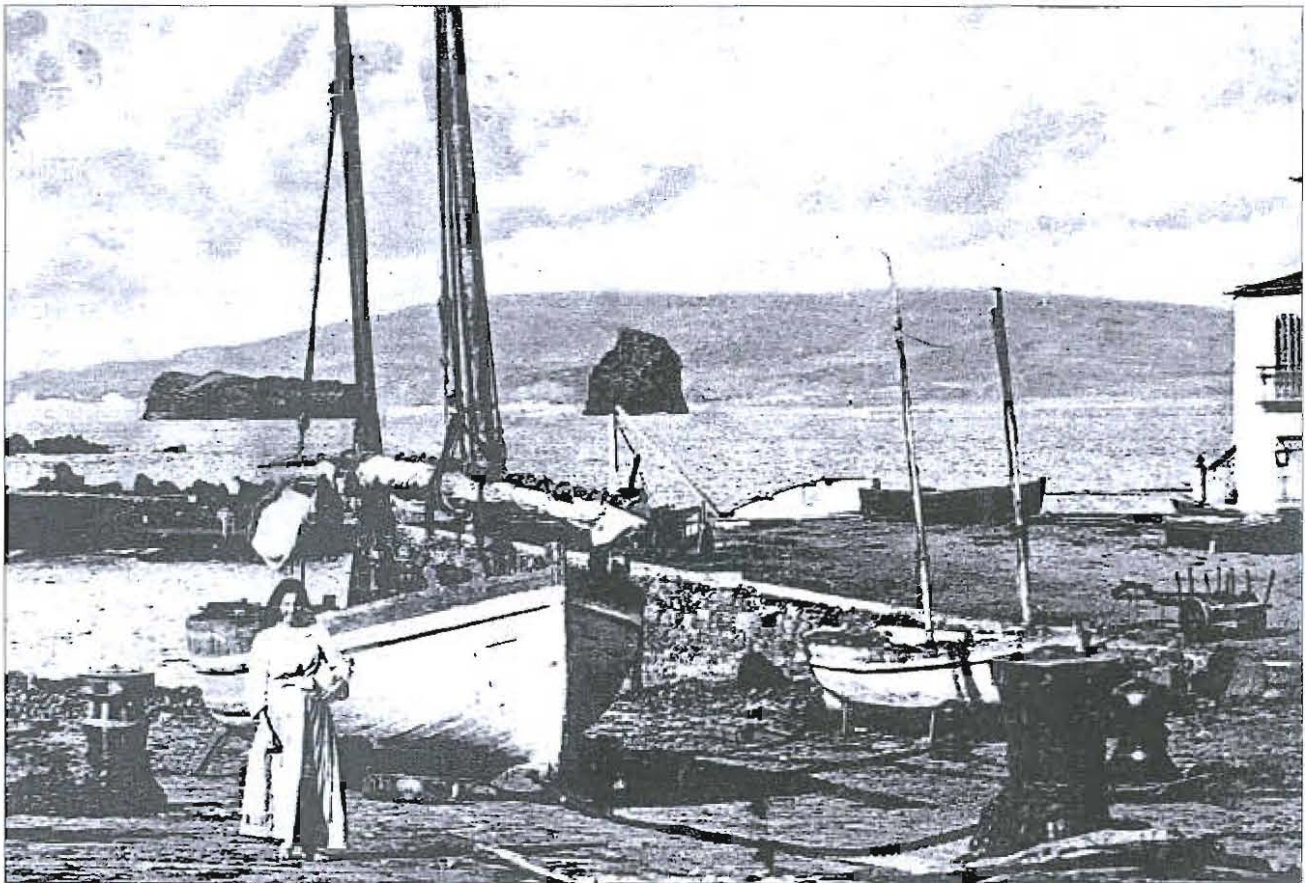
departamento de biologia - universidade dos açores - campus universitário de ponta delgada - apartado 1422
rua da mãe de deus, 13 A - PT 9501-801 ponta delgada - são miguel - açores - e-mail: ddb@notes.uac.pt
internet: <http://www.db.uoc.pt> - telefones [+351] 296 650 101 / 102 - fax [+351] 296 650 100





UNIVERSIDADE DOS AÇORES
DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA

projecto



xii expedição científica * pico 2005 - 6 a 15 de junho

departamento de biologia - universidade dos açores - campus universitário de ponta delgada - aporlado 1422
rua da mãe de deus, 13 A - PT 9501-801 ponta delgada - são miguel - açores - e-mail: ddb@notes.uac.pt
internet: <http://www.db.uac.pt> - telefones [+351] 296 650 101 / 102 - fax [+351] 296 650 100





PICO

A ilha do Pico tem 45 kilometros de comprimento e 13 de largura media, e 496 kilometros quadrados de superficie. E' a mais accidentada do archipelago, e a elevada montanha vulcânica que lhe dá o nome, ergue-se, segundo observações realizadas pelo naturalista, sr Francisco Affonso de Chaves, acima do nível do mar, 2274 metros. O vulcão existe ainda latente, e lança grossas columnas de fumo. Parte da montanha, que não é, como se poderia supôr, a mais elevada, está quasi sempre coberta de neve, a qual nos dias em que brilha o sol, durante o Inverno, lhe reflecte os raios, produzindo lindíssimo effeito.

O notável geólogo, Mr. Fouqué, n'uma ascensão á montanha, foi surpreendido por um grande nevoeiro, e teve de demorar-se três dias dentro de uma gruta, junto á cumiada da grande cratera. Parece que, entre outros incomodos, soffreu o da fome, por se lhe haver acabado a provisão de comestíveis. N'uma das pedras que formam a entrada da gruta, ainda hoje se lê, gravada pelo naturalista francez, a palavra *France*.

Produz óptimo vinho, excellentes fructos (notavelmente damascos, que exporta para as outras ilhas em grandes barcos de cabotagem), bons queijos, cereaes, vinagre, aguardente e legumes.

A villa de S. Roque, construída em amphitheatro, tem uma excellente bahia. A da Magdalena, fronteira á cidade da Horta, tem com esta frequentes communicações, e possui um bom cães. Muitas famílias do Fayal vão varanear para o Pico, onde teem as suas casa de campo

A ilha do Pico tem quatro pequenas lagoas, das quaes a maior, chamada do Caiado, abrange uma superficie de 5,8 hectometros quadrados.

Tem 25328 habitantes e 7418 fogos.



In: AÇORES pessoas e coisas. Alice de Moderno, 1901.





SOBRE A ILHA DO PICO

É esta ilha chamada do Pico em respeito de um altíssimo pico que tem, que se levanta sobre as nuvens; terá duas léguas grandes, se bem quem o sobe anda três, em respeito dos giros que faz ao subir; tem no cume uma grande caldeira que está sempre coberta de neve, de que sai um pico, no cume do qual está uma grande rotura que de contínuo está fumegando, tal que se lhe não se sabe o fundo, porque, botando-lhe pedras, se não ouve estrondo algum. Suspeita-se ter rebentado por ele o fogo, antes que se descobrisse a ilha.

Sendo este pico tão alto, que em tempo claro, não só é visto das ilhas vizinhas, mas de muitas léguas ao longe, havendo entre Faial e esta ilha um canal de mar menos de légua, tendo junto de si uns ilhéus, do Faial só viam os ilhéus e não a ilha, tendo em si um pico tão alto. Também foi descoberta não sabemos por onde, nem o dia e ano, nem quem foi o descobridor, e o primeiro que nela entrou somente se diz seria Job Dutra, flamengo, senhor do Faial.

Tem dezassete léguas de comprido, de largo no mais estreito não são menos que duas, para o noroeste dista quinze léguas da ilha Terceira; é muito fragosa, falta de água, pouco trigo, abundante de vinho, que, de originário, dá trinta mil pipas, com muitas madeiras de cedros, treicho (sic) ⁽¹⁾, faia e outras.

Tem duas vilas, com seus capitães maiores e câmaras que a governam, com seu governador que é o capitão-maior do Faial, e no eclesiástico tem seu ouvidor.

⁽¹⁾ na cópia de José Torres está escrito "freixo".

In: CRÓNICAS DA PROVÍNCIA DE SÃO JOÃO EVANGELISTA DAS ILHAS DOS AÇORES.
Frei Agostinho de Montalverne
Volume 3, página 185. 1962. Instituto Cultural de Ponta Delgada





A MAJESTADE DO PICO

Ilha verde com rebordos anegrados e remate de cinza. Ilha que consubstancia em si o ideal do belo, ora suave, ora agreste. Ilha que se desdobra em cambiantes paisagísticos, os mais cativantes, os mais harmoniosos, os mais excelsos.

Ilha de «mistérios», com costas profundamente recortadas, abrindo-se para o mar em arcos, em grutas, em pontas, em ilhéus. «Mistérios» de lava que, escorrendo, transformaram o terrível num capricho sublime.

Ilha que nós sentimos com a profundidade do mais cáldo sentimento, com uma ânsia perdida entre a temura e o amor. Amando-a, estamos a render preito ao Criador por ter ofertado à humanidade tão prodigiosa benesse.

Ilha de flagrante meiguice que, aqui e ali, por todo o lado, se patenteia. E de sedutora fascinação que brota do seu corpo ondulado.

A ridência da Calheta de Nesquim, a graça de Santa Cruz das Ribeiras, o arroubo dos Arcos do Cachorro, a esbelteza da Prainha do Norte, a pulcritude da Piedade, o esplendor das Lages, a doçura de S. João. Ilha que se alinda a preceito, roupagens verdes debruadas a preto, de forma mais vincada, entre S. Mateus e a Madalena. Ilha que oferece o deslumbramento de S. Roque, visto, cá de cima, de S. Miguel Arcanjo. Ilha que mostra a fantasmagoria arrebatante da Terra Alta. Ilha que nos faz tremer de frémito, que nos sacode de júbilo, que nos agita de emoção.

Ilha singular, que pelo seu aspecto tão característico, quer pela sua imponência, onde não há arrogância, mas humildade e abnegação.

Ilha onde as casas proliferam em amontoados, encostadas à orla marítima. E enseadas e barcos e pescadores...

*

Da estrada de volta à ilha, bermas arrebicadas com flores, a paisagem espraia-se para cima e para baixo. Para cima, o esverdilhado das pastagens, que rematam em ondulações suaves ou em cabeços recamados de vegetação tão luxuriante quão primitiva. Para baixo, a limpidez do mar e o contraste do casario, ora alvo, ora escuro, irmanando-se, porém, no mesmo sentido da perpetuidade de usos ancestrais.





O feitiço da ilha aferra-se, com maior profundidade, ao deixar-se a estrada principal, variando-se pelos ramais que descem, suavemente, até junto da beira-mar. Prainha do Norte, Santo Amaro, Piedade, Calheta de Nesquim, Ribeiras... Então, é esmagadora a força panorâmica e leve o ar que rescende a exóticas fragrâncias.

Que maviosidade, que enlevo, se não experimenta na Calheta de Nesquim, local que desabrocha em pura beleza! O mar, a praia, o porto, a igreja, tudo se conjuga numa onda de entusiasmo, numa catadupa de inefável êxtase.

E as Ribeiras? E a Prainha do Norte?

Santa Cruz das Ribeiras com a sua igreja vestida de roupagens amodernadas, com o seu porto onde o sol campeia e as ondas fazem ricochetes, com um recanto ajardinado onde domina um cruzeiro de pedra singela, um cruzeiro que rememora acontecimento candente de misticismo...

A Prainha do Norte onde branqueja um templo de enormes proporções, onde um jardim engalanado – o mais precioso da ilha – se encheu de canteiros floridos. E, no meio, a destacar-se, um coreto bem característico, símbolo da paixão açoriana pela música das filarmónicas.

*

O Pico, todo ele, é um grandioso jardim recheado de canteiros. Uns com flores. Outros com vinha, com legumes, com árvores frutíferas.

Desse imenso jardim, numa mistura airosa de verdes e cinza, brota um hino de alegria flamejante que grita, que entontece, que entusiasma, que emociona, que reza!



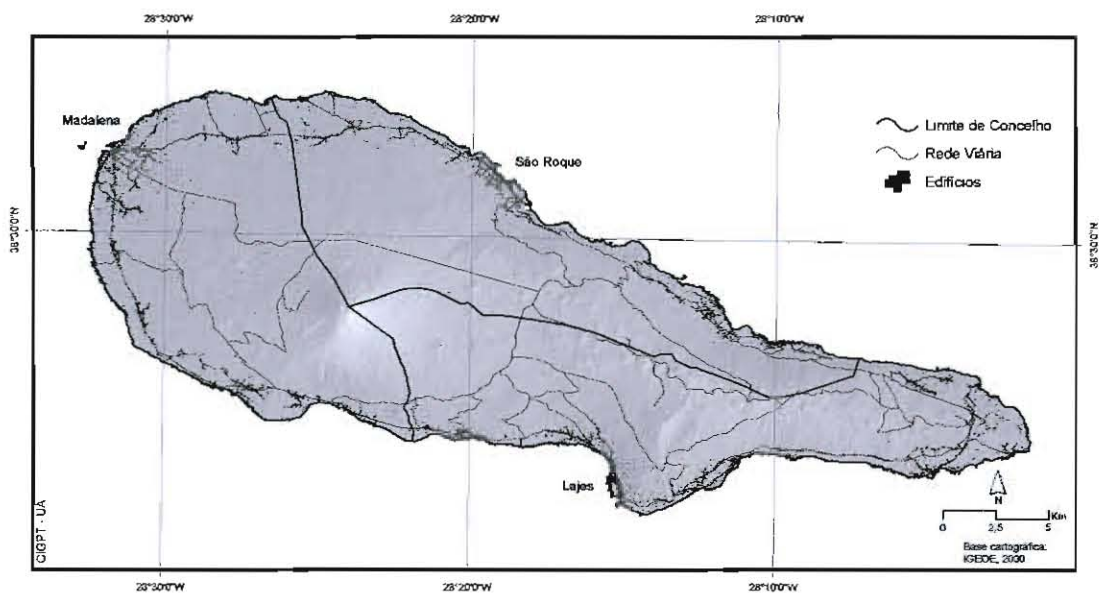
in: ILHA DO PICO majestade dos açores. Guido de Monterey, 1979.





ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

A ilha do Pico, com 444,9 km², é a maior das cinco ilhas que constituem o Grupo Central, representando 19,2 % da superfície do Arquipélago dos Açores. Situa-se entre as coordenadas 38°22'57'' e 38°33'44'' de Latitude Norte e 28°01'39'' e 28°32'33'' de Longitude Oeste de Greenwich. A ilha mais próxima é a do Faial, a cerca de 6 km de distância, largura mínima do canal no enfiamento da Ponta da Espalamaca (Faial) com os ilhéus da Madalena (Pico). A carta batimétrica do canal revela a presença de diversas baixas e recifes (ricos em fauna e flora marinha), embora a profundidade média não ultrapasse os 95 m. A Norte da ilha do Pico encontra-se São Jorge, num alinhamento insular quase paralelo, motivado pelas fracturas que configuram a tectónica regional. O canal que as separa tem uma dimensão mínima de 18 km e profundidades na ordem dos 1200 m.



Com configuração alongada no sentido WNW-ESE, a ilha do Pico tem um comprimento de 46,3 km, entre a Ponta do Arieiro (Madalena) e a Ponta da Ilha (Manhenha). A largura máxima, medida na perpendicular ao eixo de maior comprimento, atinge cerca de 16 km, entre a Ponta Negra (Cabrito) e a Lage do Cavalo (Ponta de São Mateus). A linha de costa, com 151,8 km, apresenta-se ligeiramente recortada, onde pontuam ilhéus e enseadas pouco abrigadas. A acessibilidade ao mar não coloca dificuldades, excepto em troços de costa onde dominam as imponentes arribas mergulhantes, instáveis e sujeitas a





frequentes derrocadas (Nordeste e Sudeste). As aves marinhas encontram nestes habitats condições favoráveis à nidificação, em particular as espécies de Garajau (*Sterna hirundo* e *Sterna dougallii*) e de Cagarro (*Calonectris diomedea borealis*). Os substratos rochosos prevalecem em todo o litoral (lajes que alternam com calhau rolado), não existindo zonas de areia, havendo, contudo, numerosas poças e enseadas naturais aproveitadas para a prática banhar ("piscinas").

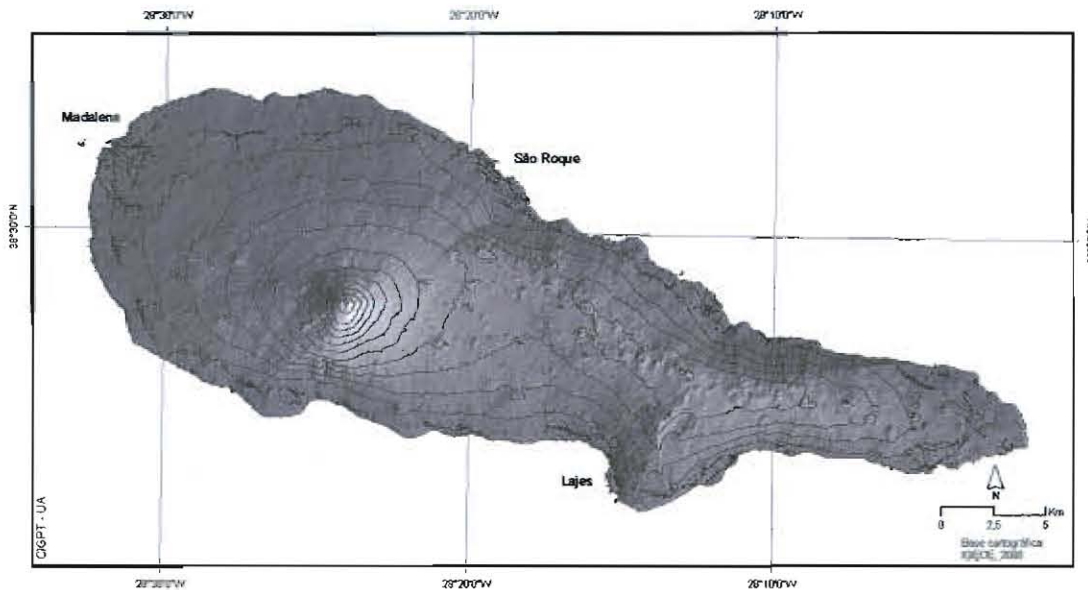
A ilha do Pico é a mais recente dos Açores e a que apresenta orografia mais acidentada, com 16 % da sua área acima dos 800 m de altitude. De acordo com Nunes (1999) afloram rochas com idade inferior a 300 000 anos, o que atesta a juventude do vulcanismo subaéreo da ilha. Da sua descoberta à actualidade ocorreram três erupções históricas que originaram os "Mistérios", termo local para designar as escoadas basálticas que destruíram os cobertos primitivos, hoje restabelecidos pelo surgimento de matos mistos com endémicas e povoamentos florestais (*Pinus pinaster*), intercalados com núcleos de infestantes: Mistérios da Praínha (1562-64), de Santa Luzia (1718), de São João (1718) e da Silveira (1720). Nas encostas de média altitude, as coberturas de vegetação laurifólia estão bem representadas. Estas formações são essenciais para a preservação da avifauna protegida, enquanto habitats preferenciais do pombo-torcaz (*Columba palumbus azorica*) e de outras espécies residentes. Nas escoadas lávicas dos "Mistérios" ocorrem micro-relevos de grande singularidade, como *tumulis*, lavas encordoadas, cristas de pressão, foes e formações com disjunção prismática. As cavidades vulcânicas são abundantes e diversificadas, um verdadeiro património à escala internacional, estando catalogadas mais de uma centena de grutas lávicas e algares onde se identificaram várias espécies cavernícolas autóctones, objecto de investigação apurada (estudos bioespeleológicos).

A Montanha do Pico e o Planalto da Achada são as duas principais unidades morfológicas da ilha. A primeira domina todo o sector ocidental, onde impera o imponente estratovulcão, truncado no topo por uma cratera de colapso com 550 metros de diâmetro médio e 25 metros de profundidade máxima. Na parte NE da cratera eleva-se o Pico Pequeno (Piquinho), o ponto mais alto de Portugal (2351 metros). Trata-se de um cone quase perfeito (125 metros de altura) com vertentes instáveis e sujeitas a intensa erosão, origem dos frequentes deslizamentos e derrocadas que acentuam o grau de dificuldade das escaladas. Nos flancos da Montanha contam-se inúmeras erupções de carácter efusivo (tipo havaiano), por vezes associadas a cones de escórias (tipo estromboliano). Registam-se aqui estruturas vulcânicas de grande interesse, como *hornitos*, cones de *spatter*, tubos lávicos, lavas encordoadas e em tripa. Algumas destas áreas estão destituídas de qualquer tipo de solo de cobertura (horizonte orgânico), conferindo aos terrenos elevada permeabilidade e deficiente drenagem superficial (ausência de rede hidrográfica). Na perspectiva ecológica, a metade superior da Montanha do Pico acolhe as únicas comunidades alpinas dos Açores. Para preservar os valores presentes, foi





classificada como Reserva Natural (Decreto Legislativo Regional n.º 15/82/A, de 9 de Julho).



O Planalto da Achada é a unidade morfológica que se desenvolve da base da Montanha do Pico ao extremo mais oriental da ilha (Ponta da Ilha), a cotas compreendidas entre 700 e 1000 metros de altitude. Consiste numa extensa cordilheira vulcânica com uma orientação geral WNW-ESE, onde sobressaem numerosos cones de escórias (cerca de 170) e escoadas lávicas associadas de natureza basáltica. Estes aparelhos vulcânicos, com formas e dimensões variadas, estão implantados no alinhamento dos principais acidentes tectónicos da ilha, dos quais se destaca a Falha da Lagoa do Capitão. Os derrames lávicos no Planalto ocupam áreas restritas, estando recobertos por materiais piroclásticos sujeitos a permanente humidade, cuja alteração origina argilas e horizontes impermeáveis. Neste domínio de altitude formaram-se diversas zonas húmidas de elevado valor ecológico e interesse turístico, como lagoas, charcos temporários e turfeiras de *Sphagnum*, frequentadas por aves migratórias dos ambientes dulciaquícolas, principalmente indivíduos da família *Anatidea*, observados no período de Inverno (Setembro a Fevereiro).

Toda a região central do Pico é dotada de particularidades naturais invulgares, reconhecidas pela Rede Natura 2000 (SIC e ZPE), as quais são de alguma forma salvaguardadas pelo baixo valor económico da terra, uma vez que os solos apresentam fraca capacidade produtiva (baixo potencial agronómico). A elevada altitude impõe condicionalismos edafoclimáticos impróprios ao assentamento das populações, desde sempre remetidas para a periferia da ilha. A proliferação de espécies exóticas invasoras, a eutrofização das lagoas, a criação de bovinos e caprinos (pisoteio e herbivorismo), ainda que em regime





pico 2005

projecto

extensivo, o turismo e a exploração de inertes (pedreiras e saibreiras) constituem-se como ameaças reais nesta área do Pico.

A parte ocidental da ilha reserva uma matriz paisagística com traços peculiares, composta por extensos campos de lava do Holocénico, ressequidos no Verão e expostos às intempéries que assolam o arquipélago nos meses de Inverno. Os "lajidos", como designam os picoenses, são escoadas do tipo *pahoehoe* emitidas a partir dos centros eruptivos da base da Montanha e das bocas secundárias que se encontram ao longo das principais fracturas da sua periferia. Tratam-se de áreas planas ou de inclinação suave desde cedo utilizadas para a cultura da vinha. O homem soube transformar a rocha negra improdutivo no seu modo de sustento, plantando e protegendo os vinhedos dos ventos fortes e dos efeitos da maresia, erguendo uma complexa e estruturada malha de muros de pedra seca chamados "currais". Em torno desta actividade, criou-se um rico e diversificado património edificado, constituído por solares, adegas, armazéns, poços de maré, rola-pipas e ermidas. Em 2004, a Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, instituída pelo Decreto Legislativo Regional n.º 12/96/A, de 27 de Junho, foi distinguida pela UNESCO com o estatuto de Património Cultural da Humanidade.

Embora o clima da ilha do Pico seja classificado, em termos genéricos, como temperado oceânico, existe contudo uma assinalável diferenciação climática em altitude e segundo as condições da fisiografia local. A influência da Montanha é decisiva no comportamento das variáveis meteorológicas, pois a pluviosidade é controlada por factores geográficos. A sua interferência na dinâmica atmosférica estende-se às ilhas do triângulo (Faial, Pico e São Jorge). No Pico, chove regularmente durante todo o ano, a temperatura é amena, a humidade relativa é sempre elevada e os ventos de SW são os dominantes e sopram com mais intensidade. Em traços gerais, é este o quadro climático que caracteriza a generalidade da ilha, com excepção das zonas mais altas e agrestes do interior, sujeitas às fortes condições de instabilidade. Quanto a valores médios anuais, a temperatura supera os 17 °C, a precipitação ronda os 1000 mm/ano e a humidade relativa do ar quase atinge os 80 %.

Acima dos 1500 metros a queda de neve ocorre com certa regularidade, mais significativa entre Janeiro e Março, permanecendo o solo gelado durante algumas semanas. A precipitação ultrapassa os 5000 mm/ano, as temperaturas podem ser negativas e os nevoeiros são constantes. Estes valores extremos, associados à formação de geadas, determinam um período de dormência da vegetação bastante prolongado, superior a quatro meses. Segundo Thomthwaite, o clima do Pico é classificado nos seguintes termos: (B) húmido (B₁ na zona mais ocidental; B₂ na restante faixa litoral; B₃ e B₄ nas médias altitudes); e (A) super-húmido (Planalto da Achada e Montanha).

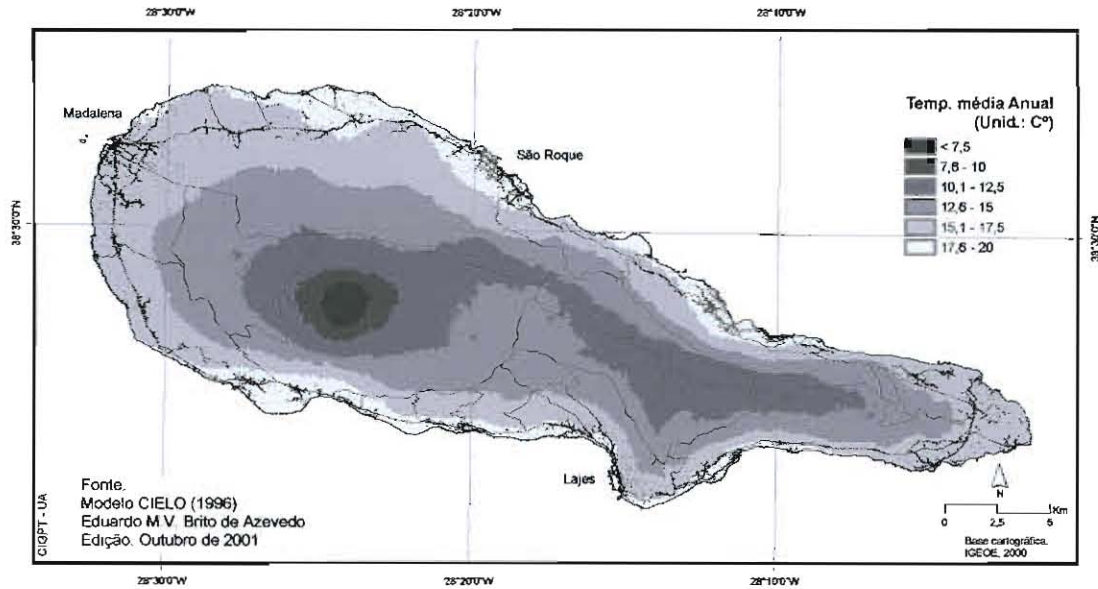
Os condicionalismos geológicos, geomorfológicos e climáticos tiveram (e têm) um papel determinante no dinamismo da actividade económica e na distribuição dos aglomerados populacionais. Os principais centros urbanos,

expedição científica

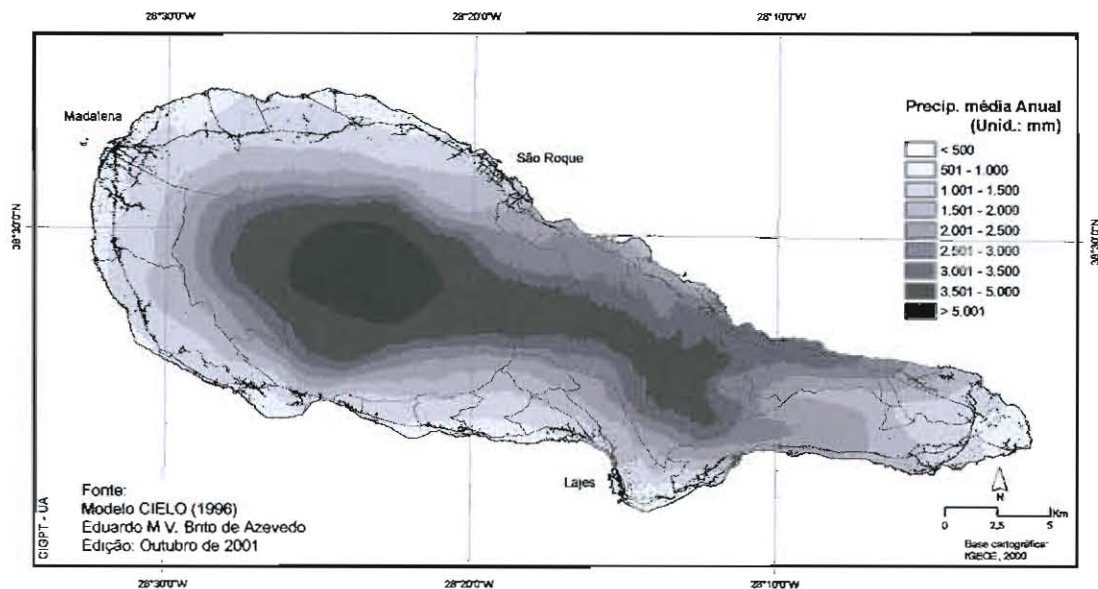




Temperatura média anual (mm) Modelo CIELO



Precipitação média anual (mm) Modelo CIELO





sedes de concelho, encontram-se localizados junto ao mar: Madalena, São Roque e Lajes do Pico. Segundo os dados do XIV Recenseamento Geral da População (INE, 2001), a população totalizava 14 806 habitantes. A Vila da Madalena comportava o maior efectivo demográfico (6136 indivíduos). A densidade populacional (33,3 hab/km²) era das mais baixas do arquipélago e a estrutura etária demonstrava sinais de envelhecimento. Os núcleos mais importantes estão dotados de infra-estruturas, equipamentos colectivos e serviços básicos: saúde, segurança, ensino, cultura, desporto e lazer. As acessibilidades ao exterior são garantidas pelos portos de São Roque e Madalena (mercadorias e passageiros) e pelo aeroporto, recentemente sujeito a obras de ampliação. A rede de estradas e caminhos é agora aceitável, permitindo chegar a todos os pontos da ilha, excepto às partes mais íngremes e recônditas do interior da ilha e às impenetráveis áreas de mato.

Descoberta em data incerta (1439?) e povoada definitivamente por volta de 1450, a história da ilha do Pico revela aspectos peculiares. A dependência do Faial (económica, política e social) prevalece até hoje, embora atenuada pela dinâmica empreendedora da sua população e pelas centralidades criadas pelo regime autonómico. As estreitas relações com a ilha vizinha ainda se estabelecem nas carreiras marítimas que atravessam diariamente o canal. A pesca é das principais actividades do sector primário, designadamente a captura de tunídeos destinada à indústria conserveira, que emprega, sobretudo, mão-de-obra feminina na transformação do pescado. As explorações leiteiras fornecem matéria-prima às diversas queijarias, cujo produto é muito apreciado pelas suas características artesanais (pasta mole). A produção de vinho não tem a importância de outrora, apesar dos ensaios para melhoramento das castas e dos incentivos para a recuperação de "currais", onde se produzia o verdelho que era exportado para longínquos mercados. Actualmente, são os sectores secundário e terciário que assumem maior dinamismo, devido ao crescimento da oferta de serviços e à instalação de dependências da administração regional, que geram emprego especializado.

À semelhança das restantes ilhas, o turismo é também aqui uma actividade emergente, sendo encarado como o pilar estratégico da diversificação da base económica. A oferta de alojamento tem progredido procurando responder às necessidades de um destino cada vez mais exigente, havendo cinco unidades hoteleiras (hotéis, pensões e outras) e quatro de turismo em espaço rural (2002). Multiplicam-se os serviços de apoio aos visitantes e os estabelecimentos de restauração, aluguer de viaturas, animação turística, entre outros. Como principal centro de baleação dos Açores, os agentes económicos souberam transformar a observação de cetáceos ("whale watching") num negócio florescente, através da reactivação de uma actividade ancestral com um património de inegável interesse histórico e cultural (lanchas, botes baleeiros, vigias, antigas indústrias transformadores, etc.). A captura de cachalotes (*Physeter macrocephalus*) para extracção de óleo e produção de farinhas para alimentação animal cessou definitivamente na década de 80 do





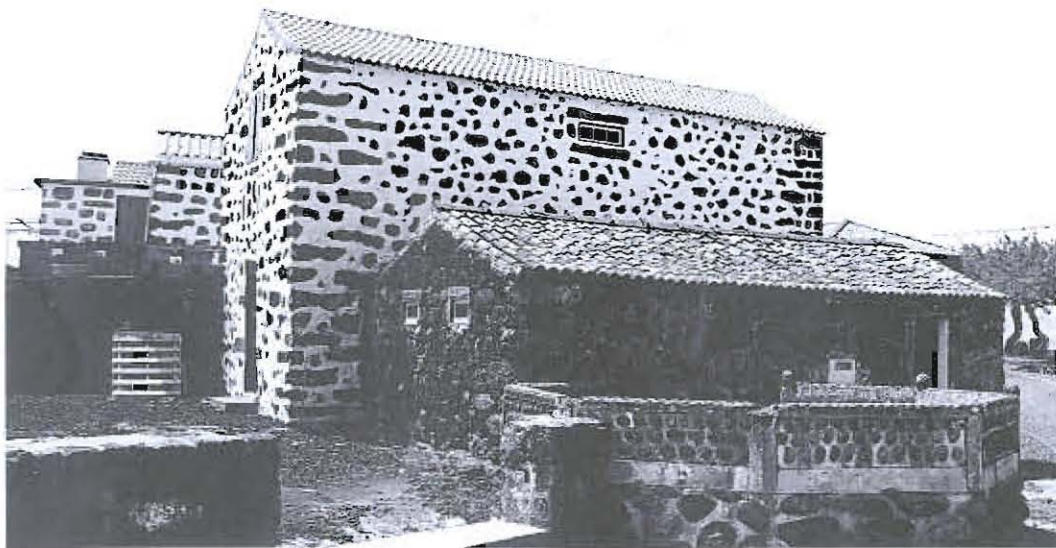
século passado, devido à substituição dos produtos derivados da baleia e ao cumprimento de convenções internacionais. O primeiro operador de "whale watching" instala-se nas Lajes do Pico, existindo recentemente 26 empresas ligadas às actividades náuticas (2003).

Secção de Geografia do Departamento de Biologia da Universidade dos Açores.

JOÃO MORA PORTEIRO (texto)
PEDRO MONTEIRO (recolha de informação)
ANTÓNIO MEDEIROS (cartografia)

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, E. 1996. *Modelação do clima insular à escala local. Modelo CIELO aplicado à ilha Terceira*. Dissertação de Doutoramento. Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo.
- CRUZ, J. 1997. *Estudo Hidrogeológico da ilha do Pico (Açores - Portugal)*. Dissertação de Doutoramento. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- DREPA. 1988. *Pico Caracterização*. Departamento Regional de Estudos e Planeamento dos Açores. Angra do Heroísmo.
- INE (2001). XIV Recenseamento Geral da População. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa
- NUNES, J. 1999. *A Actividade Vulcânica na Ilha do Pico do Plistocénico Superior ao Holocénico: Mecanismo Eruptivo e Hazard Vulcânico*. Dissertação de Doutoramento. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- SECRETARIA REGIONAL DO AMBIENTE. Direcção de Serviços de Conservação da Natureza. Pico.





INTRODUÇÃO

Prosseguindo com os objectivos estatutários da Universidade dos Açores (UA), no que respeita à criação, transmissão e difusão da cultura, da ciência e da tecnologia na Região Autónoma dos Açores, o Departamento de Biologia (DB) vai realizar entre 6 e 15 de Junho de 2005 a XII Expedição Científica do DB: PICO 2005, destinada à ilha do mesmo nome, a segunda em área territorial do Arquipélago dos Açores e que no passado foi objecto de dois eventos similares, a I e a VII Expedição Científica do DB, em 1977 e em 1991, respectivamente, estando os 3 eventos separadas por períodos de 14 anos.

O DB participa nos objectivos e atribuições da UA, desenvolvendo actividades de ensino, investigação e prestação de serviços à comunidade em diversas áreas especializadas da Biologia e da Geografia, fundamentalmente na sua sede no Campus Universitário de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel - Açores, mas a sua actividade exige que se ultrapasse o limite da sua sede e ilha, ao serviço da comunidade e da ciência.

Sendo desejável que esta actividade, não fique somente consignada àquele espaço, mas abranja sempre que possível as restantes ilhas do Arquipélago dos Açores, torna-se necessário ultrapassar diversas condicionantes de natureza financeira e logística, que viabilizem a continuação da actividade nas outras ilhas. Daí a importância do projecto "Expedições Científicas do DB", que é um projecto de interesse público, desenvolvido em períodos de pausa lectiva, um dos mais antigos da Universidade dos Açores, que existe desde o início da actividade do DB e, um dos mais acarinhados pela Sociedade Açoriana, dado que sempre reuniu um considerável apoio institucional público e privado.

O DB ao deslocar para uma outra ilha do Arquipélago dos Açores, durante alguns dias, uma parte dos recursos humanos e materiais, assim como cientistas e técnicos de outras instituições, internacionais, nacionais e regionais, que ao longo dos últimos anos têm colaborado com a instituição, o seu corpo de cientistas pretendem desenvolver uma série de estudos, onde está sempre presente o aprofundar do saber e do conhecimento sobre a vida que nos acolhe e rodeia nesta parcela do mundo. Também é nossa missão como docentes e investigadores, após um complexo processo de transmissão de saber, participar em trabalhos de campo com os nossos alunos dos diferentes graus, desde a licenciatura ao doutoramento, partilhando aí experiências,





praticando interacções com outras áreas científicas e aprofundando as colaborações com outras instituições.

Neste contexto, o projecto XII Expedição Científica do DB à ilha PICO, em 2005, será desenvolvido no campo por um corpo de 87 (oitenta e sete) expedicionários, repartidos por 12 (doze) equipas, cada uma com um plano de trabalhos, designadas pelo nome da principal área do conhecimento, isto é: Conservação e Ambiente; Biologia dos Vertebrados; Botânica; Geografia Física e Humana; Ecologia Animal; Ecologia Vegetal; Ecologia Aquática; Entomologia e Luta Biológica; Genética Humana, Geologia/Vulcanologia; Malacologia; Nematologia. Salienta-se que, estas equipas de investigação são apoiadas por um grupo de logística, onde se destacam os 12 (doze) motoristas das viaturas, 6 (seis) das quais cedidas para este efeito à Universidade dos Açores por diversos serviços públicos da ilha do Pico, e por um serviço de técnicos com equipamentos audio-visuais. Pela dimensão dos recursos envolvidos é a maior expedição científica até agora organizada pelo Departamento de Biologia.

A XII Expedição Científica do DB à ilha Pico ficará sediada no Parque de Campismo das Furnas de Santo António, cedido para o efeito pela Câmara Municipal de São Roque do Pico, ficando os expedicionários instalados em 25 (vinte cinco) tendas de campismo do Serviço Regional da Protecção Civil da Região Autónoma dos Açores. Esta expedição conta com apoio logístico das três Câmaras Municipais do Pico: Lajes, Madalena e São Roque do Pico; dos Serviços Agrícolas e Florestais do Pico; e das delegações dos Serviços Regionais do Ambiente, da Economia, do Equipamento Social, sediadas na ilha do Pico.

A par das actividades de campo e como extensão da investigação científica, terão lugar diversas "Acções de Sensibilização Ambiental", promovidas pelo CCPA (Centro de Conservação e Protecção do Ambiente) e pela Ecoteca da ilha do Pico, um "Ciclo de Conferências" organizadas pela XII Expedição Científica e pelas 3 Câmaras Municipais da ilha do Pico, onde os diversos cientistas proferirão 14 (catorze) conferências sobre diversos aspectos do ambiente, da fauna e da flora, destinadas aos estudantes do ensino secundário, aos agricultores e aos técnicos da agricultura, ambiente e florestas e, um "Workshop sobre a preparação de colecções de coleópteros coccinelídeos", promovido pela Secção de Ecologia do DB. Salienta-se que, qualquer uma destas actividades está aberta à participação da população em geral.

Os resultados preliminares da actividade desenvolvida durante a XII Expedição Científica do DB à ilha Pico, à semelhança das anteriores expedições, serão publicados na série Relatórios e Comunicações do Departamento de Biologia, durante o primeiro trimestre de 2006.





PARTICIPANTES

membros da universidade dos açores

docentes/investigadores

Prof. Catedrático ANTÓNIO FRIAS MARTINS
Investigador Coordenador JOÃO TAVARES
Profª. Auxiliar FÁTIMA MEDEIROS
Profª. Auxiliar MANUELA LIMA
Investigadora Auxiliar LUÍSA OLIVEIRA
Profª. Auxiliar REGINA TRISTÃO DA CUNHA
Profª. Auxiliar MARIA JOÃO PEREIRA
Prof. Auxiliar LUÍS DIAS E SILVA
Prof. Auxiliar ANTÓNIO ONOFRE SOARES
Profª. Auxiliar HELENA CALADO
Prof. Auxiliar JOÃO MORA PORTEIRO
Prof. Auxiliar JOSÉ SILVINO ROSA
Profª. Auxiliar ANUNCIAÇÃO VENTURA
Prof. Auxiliar JOÃO CARLOS NUNES
Profª. Auxiliar ZILDA FRANÇA
Licenciado VITOR COSTA GONÇALVES
Doutor RAFAEL MONTIEL DUARTE

funcionários/agentes

Doutor VIRGÍLIO VIEIRA
Engenheiro Técnico DUARTE SOARES FURTADO
Licenciada ANA ISABEL COUTO
Licenciada ANDREA ZITA BOTELHO
Licenciado ADRIANO QUINTELA
Licenciada ASUNCIÓN GONZÁLEZ MARTINEZ
Licenciada JOANA CADETE
Licenciada MARIA LUZ MARTIN
Licenciado NUNO CIPRIANO CORDEIRO
Licenciada PAULA CRISTINA LOURENÇO
Licenciado PEDRO RAPOSEIRO
Licenciado RUI SOARES COSTA
Licenciada SANDRA ALMEIDA GOMES
Licenciada SUSANA CABRAL
Licenciada SUSANA LACERDA
Licenciada XENIA ILLAS LINARES
Técnica Profissional HELENA FIGUEIREDO
Técnico Profissional PAULO JORGE MELO
Técnico Profissional ROBERTO RESENDES
Técnico CARLOS LEAL
Técnica SANDRA MONTEIRO
Operador de Meios Audiovisuais EMANUEL PACHECO
Operador de Reprografia TOMAZ CARVALHO DE SOUSA
Assistente Administrativa Especialista MARIA C VIEIRA
Motorista JOSÉ MANUEL TAVARES





Motorista JOSÉ VIVEIROS
Carpinteiro Principal RICARDO MACEDO
Pintor Principal PEDRO SOUSA

alunos

Aluno ADRIANO CORDEIRO
Aluno BRUNO TEIXEIRA
Aluno DAVID VIEGAS COELHO
Aluno MARCO ANTÓNIO SANTOS
Aluno PEDRO SOARES MONTEIRO
Aluno RAFAEL SOUSA ARRUDA
Aluna CARINA SOUSA CARDOSO
Aluna NATÉRCIA VARGAS VITÓRIA
Aluna DONZÍLIA NUNES
Aluna ELIZA TELHADO
Aluna MARIA HELENA COSTA SOUSA
Aluna RITA SOUSA MELO
Licenciada ANA MOREIRA
Licenciado BRUNO SIMÕES
Licenciada EVA ALMEIDA LIMA
Licenciada FILIPA SOARES ROCHA
Licenciada GISELA NASCIMENTO
Licenciada ISABEL MATEUS BORGES
Licenciado JOÃO GUILHERME FIGUEIREDO
Licenciado JOÃO MIRANDA NEIVA
Licenciada HELENA MACHADO PRISCA
Licenciada PATRÍCIA GOMES MADEIRA
Licenciado PAULO RUI LARANJEIRA
Licenciada SARA DUARTE PERES
Licenciado RICARDO DUARTE FERREIRA

membros de outras instituições

Professeur Titulaire JEREMY McNEIL
Mestre BEATRIZ BERNARD LÁZARO
Licenciado CARLOS RODRIGUES MEDEIROS
Licenciada CAMMAERTS DAVID
Licenciada DÁLIA CRISTINA LEAL
Licenciado JOAQUIM MANUEL TEODÓSIO
Licenciada HELENA GAGO DA CÂMARA
Licenciada ROSA MARTINS
Licenciado MANUEL SOARES COSTA
Licenciada MARIA CAROLINA ARRUDA MEDEIROS
Licenciada MARIA HELENA SOARES DE SOUSA
Licenciada MARIA JOSÉ BETTENCOUT
Licenciada MARIA MANUELA MARTINS
Licenciado WATTIEZ XAVIER
Vigilante da Natureza FILIPE CORREIA
Foto-jornalista PEDRO MIGUEL MONTEIRO





MALACOLOGIA

Prof. Catedrático **A. FRIAS MARTINS**
Profª. Auxiliar REGINA TRISTÃO DA CUNHA
Licenciada PAULA CRISTINA LOURENÇO
Técnico Profissional PAULO JORGE MELO
Aluna MARIA HELENA COSTA SOUSA
Licenciada PATRÍCIA GOMES MADEIRA

Recolha de moluscos terrestres para estudos de sistemática:

- incidência nos endemismos de zonítídeos e enídeos;
- preservação para uso em dissecação e análise molecular;
- estudos em moluscos terrestres, centrados em espécies endémicas: distribuição em altitude e habitat;
- recolha de moluscos marinhos.

GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

Prof. Auxiliar **JOÃO MORA PORTEIRO**
Profª. Auxiliar HELENA CALADO
Licenciada JOANA CADETE
Licenciada MARIA LUZ MARTIN
Licenciada SUSANA LACERDA
Licenciada ANDREA ZITA BOTELHO
Licenciada ANA MOREIRA
Aluno PEDRO SOARES MONTEIRO
Aluno MARCO ANTÓNIO SANTOS

Recolha de dados para a gestão integrada da zona costeira:

- usos do solo;
- implementação de um sistema de informação geográfica;
- identificação de condicionantes e de potencialidades;
- avaliação do estado e das pressões ambientais.

GEOLOGIA – VULCANOLOGIA

Prof. Auxiliar **JOÃO CARLOS NUNES**
Profª. Auxiliar ZILDA MELO FRANÇA
Licenciada EVA ALMEIDA LIMA
Licenciado PAULO RUI LARANJEIRA
Licenciado JOÃO GUILHERME FIGUEIREDO

Caracterização geológica, geomorfológica e petrológica da área que integra a arriba fóssil das Lages do Pico.

- amostragem de sedimentos na orla costeira [praias e dragagens].





BOTÂNICA

Profª. Auxiliar **MARIA JOÃO PEREIRA**
Engenheira **HELENA MACHADO PRISCA**
Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**
Licenciado **CARLOS MEDEIROS**
Licenciada **HELENA GAGO DA CÂMARA**
Licenciada **SANDRA ALMEIDA GOMES**
Aluna **ELIZA TELHADO**
Aluno **RAFAEL SOUSA ARRUDA**
Aluno **ADRIANO CORDEIRO**
Aluno **DAVID VIEGAS COELHO**
Vigilante da Natureza **FILIPE CORREIA**

Catálogo das plantas vasculares da ilha do Pico.

- levantamento fotográfico das espécies para a base de dados do herbário;
- lista das espécies e dos habitats onde existem e sua fenologia.

ENTOMOLOGIA E LUTA BIOLÓGICA

Inv. Coordenador **JOÃO TAVARES**
Invª. Auxiliar **LUÍSA OLIVEIRA**
Prof. Titulaire **JEREMY McNEIL**
Doutor **VIRGÍLIO VIEIRA**
Licenciada **ROSA LOBATO MARTINS**
Aluno **BRUNO TEIXEIRA**
Motorista **JOSÉ VIVEIROS**

Prospecções da praga da lagarta-das-pastagens e seus inimigos naturais.

- contribuição para o estudo dos artrópodes da ilha do Pico;
- inventário dos lepidópteros existentes na ilha;
- inventário de parasitóides com interesse para o controlo biológico de pragas agrícolas;
- inventário de pragas agrícolas junto dos agricultores e associações.

ECOLOGIA ANIMAL

Prof. Auxiliar **A. ONOFRE SOARES**
Licenciada **ISABEL MATEUS BORGES**
Licenciada **SUSANA CABRAL**
Técnica Profissional **HELENA FIGUEIREDO**
Técnico Profissional **ROBERTO RESENDES**

Prospecção de coccinelídeos nas ilhas do Pico e Faial.

WORKSHOP: preparação de colecções de coleópteros coccinelídeos.





ECOLOGIA VEGETAL

Prof. Auxiliar **LUÍS DIAS E SILVA**
Licenciado NUNO CIPRIANO CORDEIRO
Licenciada XENIA ILLAS LINARES
Licenciada ASUNCIÓN GONZÁLEZ MARTINEZ

Amostragem da flora nas zonas costeiras e de montanha.

- amostragem das manchas de *Pittosporum undulatum*;
- amostragem de *Pteridium aquilinum*;
- germobanco – recolha de amostras de sementes.

ECOLOGIA AQUÁTICA

Licenciado **VITOR COSTA GONÇALVES**
Licenciado PEDRO RAPOSEIRO
Licenciada CAROLINA ARRUDA MEDEIROS
Licenciada ANA ISABEL COUTO
Licenciada FILIPA SOARES ROCHA
Licenciado RUI SOARES COSTA
Licenciado JOÃO MIRANDA NEIVA
Licenciado WATTIEZ XAVIER
Licenciado CAMMAERTS DAVID

Caracterização dos ecossistemas de água doce da ilha do Pico.

- fitoplacton, diatomáceas bentónicas e macrófitas;
- macro-invertebrados bentónicos;
- inventário dos peixes de água doce.

GENÉTICA HUMANA

Prof^ª. Auxiliar **MANUELA LIMA**

Recolha de amostras biológicas.

- acompanhamento de famílias com DMJ no âmbito do aconselhamento genético.

BIOLOGIA DOS VERTEBRADOS

Prof^ª. Auxiliar **FÁTIMA MEDEIROS**
Aluna CARINA SOUSA CARDOSO
Aluna NATÉRCIA VARGAS VITÓRIA
Aluna RITA SOUSA MELO
Aluna DONZÍLIA NUNES

Realização de censos de aves.

- quantificação de variáveis dos habitats utilizados pelas aves.





NEMATOLOGIA

Prof. Auxiliar **SILVINO ROSA**
Doutor **RAFAEL MONTIEL DUARTE**
Licenciada **GISELA NASCIMENTO**
Licenciado **RICARDO DUARTE FERREIRA**

Reisolamento e pesquisa de agentes entomopatogénicos.

- amostragem nemátodos/bactérias;
- recolha de nemátodos/bactéria.

CONSERVAÇÃO E AMBIENTE

Profª. Auxiliar **ANUNCIÇÃO VENTURA**
Mestre **BEATRIZ BERNAD LÁZARO**
Licenciada **HELENA SOARES DE SOUSA**
Licenciado **ADRIANO QUINTELA**
Licenciado **JOAQUIM DIAS TEODÓSIO**
Licenciado **BRUNO SIMÕES**
Licenciada **SARA DUARTE PERES**
Licenciada **DÁLIA CRISTINA LEAL**
Licenciada **MARIA JOSÉ SILVA BETTENCOURT**
Licenciada **MARIA MANUELA MARTINS**
Licenciado **MANUEL SOARES DA COSTA**
Técnica **SANDRA MONTEIRO**
Técnico **CARLOS LEAL**

Estudos de conservação e protecção do ambiente.

- acções de sensibilização ambiental;
- sensibilização para a preservação do meio ambiente junto dos alunos das escolas básicas;
- recolha de registos fotográficas das comunidades subtidais costeiras
- dinâmicas de reciclagem;
- colheita de material biológico; - participação no **WORKSHOP**: preparação de colecções de coleópteros coccinéldeos.

SERVIÇOS AUDIO VISUAIS Operador de Meias Audiovisuais **EMANUEL PACHECO**
Operador de Reprografia **TOMAZ CARVALHO DE SOUSA**
Fotjornalista **PEDRO MONTEIRO**

Cobertura total em foto e vídeo.

- asseguram a cobertura total em foto, vídeo e imprensa escrita dos diversos trabalhos a desenvolver pelas equipas de investigação.





pico 2005

projecto

LOGÍSTICA

Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**
Assistente Administrativa Especialista **CONCEIÇÃO VIEIRA**
Motorista **JOSÉ MANUEL TAVARES**
Motorista **JOSÉ FARIAS VIVEIROS**
Carpinteiro Principal **RICARDO MACEDO**
Pintor Principal **PEDRO SOUSA**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Investigador Coordenador **JOÃO TAVARES**
Prof. Auxiliar **JOÃO MORA PORTEIRO**
Engenheiro Técnico **DUARTE SOARES FURTADO**



expedição científica





CICLO DE CONFERÊNCIAS

dia 7 de junho às 21H00m

local: Acampamento das Fumas de Santo António

- **neotectónica e sismicidade da ilha do pico,**
pelo doutor JOÃO CARLOS NUNES
- **história vulcânica da ilha do pico – erupções típicas e seus principais produtos vulcânicos,**
pela doutora ZILDA FRANÇA

dia 8 de junho às 21H00m

local: Auditório da Escola Básica Integrada/Secundária de São Roque do Pico

- **flora e vegetação dos açores,**
pela doutora MARIA JOÃO PEREIRA
- **plantas invasoras no arquipélago dos açores,**
pelo doutor LUÍS DIAS E SILVA
- **distribuição de *Pteridium aquilinum*,**
pela dr^a XENIA ILLAS LINARES

dia 9 de junho às 10H30m

local: Escola Básica Integrada/Secundária da Madalena

- **joaninhas: de que se alimentam?,**
pela mestre ISABEL MATEUS BORGES
- **a utilização de coccinelídeos em luta biológica,**
pelo doutor ANTÓNIO ONOFRE SOARES

dia 10 de junho às 21H00m

local: Auditório da Filarmónica Liberdade Lagense

- **plataforma das lages: uma mais valia ambiental para a ilha,**
pelo doutor ANTÓNIO MANUEL DE FRIAS MARTINS





dia 11 de junho às 21H00m

local: Auditório do Centro de Formação Agrária "Matos Souto"

- **controlo integrado da lagarta das pastagens,**
pelo doutor JOÃO TAVARES
- **biomanipulação das lagoas: caso da lagoa das furnas,**
pelo dr. RUI SOARES COSTA

dia 12 de junho às 21H00m

local: Acampamento das Fumas de Santo António

- **choix d'un partenaire: le succès reproducteur dès insectes,**
pelo doutor JEREMY McNEIL

dia 13 de junho

local: Ecoteca do Pico

- **resíduos: separação, redução e reciclagem,**
pelo dr. CARLOS LEAL
- **um caso estudo de um centro de recuperação de animais selvagens,**
pelo CCPA [centro de conservação e protecção do ambiente]

WORKSHOP

preparação de colecções de coleópteros coccinelídeos

de 8 a 14 de junho às 15H00m

local: Escola Básica/Integrada e Secundária de São Roque do Pico

organizado pela equipa de ecologia animal e sob direcção da
doutor ANTÓNIO ONOFRE SOARES





DESCOBRIMENTOS

Quem descobriu a ilha do Pico?

Quando foi descoberta a ilha do Pico e/ou quando se deu o seu povoamento é uma incógnita que não é fácil de esclarecer, custe embora àqueles que a coberto de um puritanismo suspeito, quase exigem uma resposta concreta e precisa.

Transcrevo de Damião Peres:

«O terceiro dos passos decisivos no caminho da expansão marítima refere-se igualmente a um arquipélago, os Açores. Documentos suficientes não existem para apontar com segurança a data do reconhecimento dos Açores pelos Portugueses, da qual a nosso ver se pode apenas afirmar que terá sido muito provavelmente 1427-1431. Dos dois documentos mais antigos que se lhe referem, um, a carta de Valsequa de 1339, dá segundo maior número de leituras e as mais recentes [Rubió i Valsequa e Reparaz Jr.], a esse facto a data de 1427, e o outro, o globo de Martinho de Bohémia, que habitou o arquipélago na segunda metade do século XV, a 1431.» (6).

O Senhor Ruge, professor belga, em trabalho publicado em 1901 sobre a «História do Descobrimento das Ilhas dos Açores e sua denominação de Ilhas Flamengas», traduzido e publicado na «Revista Michaelense» (7) pelo respectivo director, Aires Jácome Correia, diz: «Parece-me inútil expor detalhadamente a ideia que a antiguidade fazia do Atlântico. Considerado desde tempos mais remotos, como inacessível para a navegação, este oceano não tardou a tornar-se um campo de exploração aberto aos navegadores. Entre eles é preciso citar como sem igual o Cartaginez Hannon [entre 450 e a segunda metade do século IV] e Phythéas [último terço do século IV].»

E escreve ainda: «Quanto aos Açores, eram realmente conhecidos dos antigos? Não existe indício algum de viagem que os fenícios, cartaginenses, gregos ou romanos tivessem empreendido para elas. Por esta razão o descobrimento destas ilhas deve ficar em hipótese e hipótese pouco provável, atendendo à grande distância que as separam da costa europeia, e as dificuldades da navegação da época.» (8)

O mesmo investigador refere ainda a opinião contrária de M. Curt Fischer que, baseando-se no encontro de moedas fenícias na ilha do Corvo, diz ou afirma mesmo que os Açores foram descobertos pelos antigos.

Lacerda Machado, probo historiador picoense, cuja obra infelizmente não chegou a publicar-se integralmente por incúria ou incompreensão de velhos





senhores que se consideravam proprietários dos destinos municipais [uma história que não vem para este trabalho], diz a propósito: «Foi em meados do século IV que as ilhas açorianas começaram a aparecer nos postulanos – vagamente pouco ao acaso, desatendendo-se à questão de latitude, longitude, forma, número e posição relativa, e uns 4 graus mais próximas da costa portuguesa do que corresponde à sua verdadeira posição, como orientação geral norte-sul.»

Em tais postulanos, e o autor cita o «Atlas médico de 1351; carta catalã de 1375, atlas Pinelli de 1384, carta de Dulcert de 1339». A ilha do Pico é anotada com as denominações de «Columbis, y.a de colonbi, li comlumbi, Columbária, das pombas, j.a de san Dinis.» (?)

A julgar-se pela denominação de «insula de Columbis» a ilha do Pico ofereceu sem dúvida aos seus descobridores grande quantidade de pombos selvagens, ou «pombos da costa» como vulgarmente são conhecidos. (10)

Não deixa de ser, porém curiosa e vem a propósito recordar, a crónica de Ernesto Rebelo publicada no jornal «Revolução de Setembro» em jeito de folhetim sobre a visita que fez à vila das Lages, «depois de nove horas de jornada», de haver atravessado a serra, subido e descido muitas ladeiras e cruzado os grandes descampados de pedra roliça e requeimada a que se dá o nome de «mistérios», por serem estes os sítios por onde passaram as ribeiras de referente lava das antigas erupções vulcânicas do Pico. (11)

Nessa «crónica» o escritor faialense [faialense por adopção] descreve uma caçada aos «Botos e pombos». Se não aludo à primeira para não entrar em conflito com os neoprotectores dos animais marinhos, anoto que Ernesto Rebelo também tomou parte na caça aos pombos da costa, talvez aqueles a que se referem os antigos postulanos.

Mas, voltemos ao descobrimento.

Enquanto Lacerda Machado atribui à ilha do Pico o nome de «São Dinis», o coronel Afonso de Chaves, reportando-se a um mapa feito em Veneza no século XV e ainda a propósito de uma carta recebida em 1889 pelo Dr. Ernesto do Conto do Dr. Fules Mees, referindo-se a esta Carta de que é autor Cristofalo Soligo, designa a ilha do Pico por «Ya. De Salvi e a ilha do Faial por Ya. De San Dinis». (12) Um pormenor que não deixa de ter interesse, principalmente para quantos recordam, e alguns são, o que foi o controverso projecto de lei da autoria do coronel Linhares de Lima, deputado pelo distrito da Horta, quando em 1940, sendo vice-presidente da Comissão Nacional das Comemorações do Duplo Centenário da Independência e Restauração de Portugal, pretendeu crismar o Pico com a denominação da ilha de São Dinis. A proposta foi rejeitada e ainda esta vivo – ao que julgo – o autor do Parecer da Câmara Corporativa, - mas a estátua veio para a ilha e lá foi inaugurada no dia festivo - 16 de Agosto de 1940 – frente ao mar, no Cais do Pico.

Seja como for, segundo a opinião autorizada do Dr. Jacinto Monteiro (13) o professor Damião Peres, atrás citado, baseado na carta de Jaime Bertran... pôs fim ao problema.

Descobertas ou reencontradas as ilhas dos Açores, coube ao infante D. Henrique





a honra de ter acrescentado aos territórios de Portugal estes nove pedaços de terra emergentes das misteriosas águas atlânticas. É que «só um apóstolo divinamente inspirado, como o Infante D. Henrique, podia depurar as lendas das quimeras absurdas que lhes deram vida; só um clarão de génio podia iluminar o sentido das realidades, através desse amontoado de noções confusas, que da Antiguidade tinham vindo e exerciam a influência de obscuras superstições nas almas dos homens mais destemidos». (14) Venho de citar Mário Gonçalves Viana.

Dom Henrique, personalidade forte, de facetas variadas, nado numa época de pura transição económica e social, tinha o sentido prático das coisas e, na expressão de Elaine Sanceau, se «era visionário que adivinha mundos invisíveis, não era sonhador fantástico». (15)

Diferente, contudo, a tese de José Hermano Saraiva quando afirma que «em relação aos Açores é mais exacto falar de ocupação do que em descobrimento». (16)

Agora que o chamado «Império» ficou pelo caminho, será que já não tem valimento a obra do Infante, que Camões imortalizou e, parece, uma das ilhas consagrou [talvez a ilha onde Vasco da Gama deu sepultura ao irmão Paulo da Gama] (17) nestes versos sublimes:

*«Três fermosos outeiros se mostravam
«erguidos com soberba graciosa
«que de gramíneo esmalte se adornavam
«na fermosa ilha alegre e deleitosa?» (18)*

A concluir, uma referência muito rápida à versão algo fantasista do Padre António Cordeiro, legitimamente refutada por Lacerda Machado:

«Consta que esta ilha [do Pico] foi descoberta alguns depois da do Faial; e como a do Faial se descobriu depois do ano de 1450, segue-se que no ano de 1460 já a ilha do Pico estava descoberta, há perto de 260 anos, mas em que ano, mês e dia se descobriu, isso não consta, como nem quem também fosse primeiro descobridor, porque dizem alguns que foi Joz d Utra, Donatário do Faial, pois foi também Donatário da dita ilha do Pico.» E continua a narração: «... se não quisermos considerar, que pois aquele Ermitão, morador em o Faial, julgou ver a Virgem Santíssima nessa parte da Ilha do Pico, e que o chamava para lá, a Virgem Senhora foi a Divina Descobridora desta ilha, por meio daquele Ermitão, que só no seu batel foi para o Pico e não mais se soube dele.» (19)

(6) Damião Peres, «História de Portugal» [Edição Monumental], Barcelos, 1931, vol. III, p. 367. (7) Revista Michaelense, Ano II, 1919, n.º 2, p. 139. (8) Revista Michaelense, vol. cit. (1919), p. 140. (9) Lacerda Machado, ob. cit., p. 29. (10) Idem, p. 29. (11) Ernesto Rebelo, «Digressões Açoreanas» - Pambas e Botos», in «Revolução de Setembro», de 27-XII-1883. (12) Lacerda Machado, ob. cit. (13) Jocinta Monteiro, «Alguns Aspectos da História Açoriana nos séculos XV-XVI», New Bedford, Mass. 1982, p. 24. (14) Mário Gonçalves Viana, «Infante D. Henrique». (15) E. Ávila, «Comemorações Henriquinas nas Lages do Pico», in «Boletim do Núcleo Cultural da Horta», vol.2, n.º 2, 1960, p. 252. (16) José Hermano Saraiva, «História Concisa de Portugal», 4.ª edição, 1979, p. 134. (17) Alusão à ilha Terceira [Convento de S. Francisco], onde foi sepultado Paulo da Gama. (18) Luís de Camões, «Os Lusíadas», Canto IX, estância LIV. (19) António Cordeiro, «História Insulana», 1981, p. 469.

**In: ILHA DO PICO suas origens e suas gentes. Ermelindo Ávila. [15-19pp]
Edição da Câmara Municipal de São Roque do Pico. 1988.**





PICO

A Ilha do Pico é a maior do Grupo Central e a segunda de todo o Arquipélago. Tem uma superfície de 433Km² e uma população de aproximadamente 16 100 habitantes [1986].

O seu nome advém da alta montanha que a domina e que termina num pico pronunciado, a 2 351m de altitude, sendo, portanto, o mais alto de Portugal. Deve ter sido descoberta nos meados do século XV e na mesma altura em que os primeiros navegadores chegaram ao Faial, pois, entre elas, apenas existe uma língua de oceano de cerca de 7,5Km de largura.

O seu povoamento começou cerca do ano de 1460 pela vila das Lages na costa Sul. É uma ilha de paisagem bem característica, constituindo hoje uma reserva natural de grande importância, com vegetação variada e rica em cedros, vinháticos, loureiros, teixos, dragoeiros, urzes, criptomérias, pinheiros, etc. O solo apresenta características bem distintas sendo a ilha coberta, em grande parte, por mantos de lava denominados «mistérios», resultado de erupções vulcânicas junto à costa, algumas delas posteriores à descoberta da ilha. São de referir os «mistérios» de Santa Luzia, da Prainha, de São João e da Silveira.

A costa, muito recortada, apresenta alguns aspectos curiosos, deles se salientando o conjunto rochoso do Arco do Cachorro na baía do mesmo nome. A cultura da vinha predomina na região ocidental. O famoso «Verdelho do Pico» é cultivado entre muros de forma geométrica feitos de pedra solta nas terras do litoral. As cepas crescem por vezes como que por milagre nas fendas das rochas ao longo dos campos.

O habitante do Pico não é homem que se deixe vencer pela Natureza. Era o mais forte e destemido «francadon» de baleias quando estas ainda se caçavam nos mares açorianos. Não em barcos industriais de grande tonelagem mas em frágeis baleeiras, numa luta corpo a corpo entre o homem e o gigante.

Uma viagem pela ilha, e quase sempre junto ao mar, leva-nos da vila da Madalena à vila de São Roque do Pico, na direcção Norte, sempre com a ilha de São Jorge à vista. Na direcção Sul, leva-nos à vila das Lages. Entre aquelas vilas existem pequenas povoações de grande interesse e a paisagem do Pico encontra-se salpicada de casas brancas ao gosto e estilo do continente. Um ou dois moinhos de vento tentam resistir à evolução do século XX. Atravessando a ilha, junto às faldas do Pico, podem ver-se as lagoas do Caiado, do Paul e do Capitão, todas elas cheias de encanto e bucolismo.

A ascensão ao cume do Pico, embora muito difícil e cansativa, é de grande beleza, pois daí se pode admirar o mais vasto panorama do Arquipélago Açoriano, vendo-se em dias claros todas as ilhas do Grupo Central.

A forma como a montanha do Pico se apresenta, mais ou menos nublada, dá aos seus pescadores e moradores, e aos das ilhas vizinhas, a possibilidade





de prever com certo rigor o tempo que vai fazer.

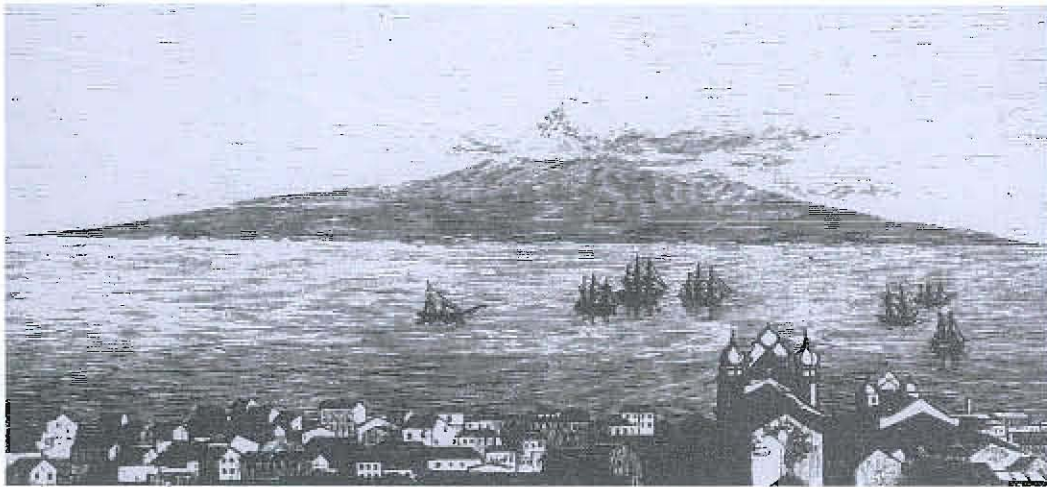
Já Gaspar Frutuoso, em «Saudades da Terra», nos finais do século XVI, nos dizia:

«O Pico tem outro pico no meio tão grande como qualquer dos outros picos grandes que há na Terra, e em outras terras, e tem tão grande altura o cume dele e tão vizinho aos ventos, que por ele os adivinha mui facilmente os mareantes e moradores daquelas ilhas ao redor, porque, quando está todo coberto de névoa, é certo sinal de virem tempos mareiros, como é Sul, Leste, Sudoeste, e, quando está todo descoberto, adivinha vento Oeste ou Oes-noroeste, até Norte, e quando tem uma barra branca de névaa pelo meio e o mais, assim pela riba como para baixo, está descoberto adivinha tempos lestes e nordestes, e quando se vê todo limpo e logo de pois se cobre no cimo de todo de névoa e faz um capelo dela, cursando então qualquer vento, adivinha que se há-de mudar o tempo mareiro, como é Sul, Sueste e Sudoeste».

Nos meses frios de Inverno o Pico reveste-se, geralmente, na sua parte superior, de espessa camada de neve, tomando-se espectáculo de grande beleza.

Como em todas as restantes ilhas açorianas, são as festas religiosas que mais traduzem o sentir dos seus habitantes. A festa do Bom Jesus, que ocorre na freguesia de São Mateus, é a mais importante.

As festas do Senhor Espírito Santo revestem-se igualmente de grande importância, sendo muito famosas as «Sopas do Espírito Santo». Com o ritual de sempre, repetem-se as «Coroações», os «Impérios», a distribuição das «rosquilhas» e da «massa sovada» depois das solenes procissões como as da vila da Madalena, Criação Velha e outras.



In: AÇORES. Carlos V. S. Barros & Renée F. Pasquiel. 1989. 244pp.
Edição da Direcção Regional de Turismo dos Açores





DETERMINANTES GEOGRÁFICAS DO POVOAMENTO AÇORIANO 9 – PICO

Eis uma ilha sem paralelo nos Açores. Embora obedeça, na essência, ao modelo açoriano, ultrapassa todas as outras na imponência da sua elevação nuclear, braveza dos seus *mistérios*, densidade e extensão das suas matas e na extraordinária vocação marítima dos seus habitantes.

O picaroto, humilde e laborioso, descobriu no mar um prolongamento da sua ilha, não vendo nele, de forma alguma, um elemento isolador e inimigo. Essa será uma das razões porque o povoamento se distribui uniformemente ao longo de toda a costa, sem áreas preferenciais e grandes aglomerações [20]. O casario dispõe-se ao longo da estrada litoral, entre os 100 e 200 metros de altitude, só raramente saindo desses limites [21].



Apenas os dois extremos da ilha, nas freguesias da Madalena e Piedade, apresentam um esboço de dispersão.

A grandeza esmagadora do Pico, autêntica montanha sagrada, que se escala por devoção, impõe respeito mesmo a gente forte e resiste a todas as tentativas





de domínio. O homem e a montanha estão separados por uma cintura contínua de arvoredo denso que constitui a grande reserva florestal dos Açores e a imagem mais válida do que foram as ilhas virgens.

A morfologia vulcânica aparenta também maior modernidade do que em qualquer outra ilha, não obstante a mais recente erupção terrestre se ter verificado em São Jorge [22]. Extensas áreas estão ainda cobertas por lavas pouco meteorizadas, embora já em grande parte revestidas por vegetação arbórea e arbustiva. Os terrenos de cultura confinam-se a uma faixa litoral estreita e sem continuidade. São, no entanto, suficientes para as necessidades de uma população pouco densa e servida por uma economia fechada. O aproveitamento de muitas áreas, especialmente com vinhas e fruteiras, requer, nos *biscoitos*, a remoção de enormes massas de pedras, que vão constituir os *moroços*, pirâmides modernas de uma civilização que se elevou por via espiritual e pelo trabalho.

O extraordinário empolamento do sector primário fala-nos ainda do arcaísmo da sociedade picoense em que os homens, no anonimato de cada vida, obram prodígios de toda a hora.

[20] Em 1940 nenhuma das três sedes de concelho [Madalena, São Roque e Lages] atingia o milhar de habitantes. Apenas a povoação da Prainha, que abrange praticamente toda a população de uma freguesia da costa norte, ultrapassava esse limite.

[21] Estão neste casa a Prainha e Sonta Amaro, em que o povoamento foi atraído até ao mar por froças de costa mais acessível.

[22] Pudemos identificar no Pico 107 aparelhas vulcânicos bem conservados, a par de 22 no Faial, 56 na Terceira e 40 em São Miguel.



In: LIVRO DA II SEMANA DE ESTUDOS DOS AÇORES. Engenheiro José Correia da Cunha. 1963.



UMA MONTANHA PITORESCA O FUJI-YAMA DOS AÇORES

Chegámos ao Cais do Pico depois de uma hora de travessia a partir das Velas. A distância é de 10 milhas. Aqui o navio nem sequer parou; os passageiros e a mala foram desembarcados para lanchas e seguimos logo para o porto imediato, a Horta.

Já falei antes do Fuji-Yama dos Açores. É a montanha que se eleva a meio desta ilha. O seu verdadeiro nome é o Pico, ou Pico Alto. Naquele dia, 29 de Setembro, a montanha estava envolta em nuvens negras e espessas de alto abaixo. Apenas se lhe podiam ver as abas descendo em declive suave para o mar. Pequenos vulcões parasitas viam-se espalhados por aqui e por ali pelas faldas da montanha. Vistos de longe, parecem pequenos montes, como os que constroem as formigas, mas na realidade são montanhas de altura respeitável, de 50 a 250 pés de altura.

No regresso a 2 de Outubro, ancorámos aqui e demoramo-nos umas três horas. De manhã estava bom tempo, mas depois cobriu-se o céu de nuvens, aí pelo meio-dia, quando nos aproximávamos do Cais do Pico e por fim desatou a chover. A montanha estava completamente coberta. Não pude afinal desembarcar nesta ilha, mas quando tratar da ilha do Faial, farei referência à montanha, vista de lá.

A ilha do Pico é a terceira [???] em grandeza, no arquipélago dos Açores e fica umas dez milhas a sudoeste de S. Jorge, quase paralela com esta ilha. Não é tão comprida como São Jorge, mas tem duas vezes e meia a largura desta. A metade ocidental da ilha é quasi redonda, adelgaçando para leste com a forma de uma cunha. Um pouco ao sul do centro da parte arredondada ergue-se a montanha do Pico.

Não sou a primeira pessoa a baptizar a montanha com o nome de Fuji-Yama dos Açores. Já pelo menos cinco anos para trás um turista americano lhe tinha dado esse nome (!).

Pelo que diz respeito à altitude da montanha, cada autor lhe tem atribuído um número. Por exemplo, 2042m [Boyd], 2274m [Brown], 2320m [Hartung, Guppy, Baedeker, Proença], 2384m [Adams], 2625m [Friedlander]. Perguntei por isso ao Coronel Agostinho qual a sua opinião e obtive como resposta que a medida





mais recente e digna de confiança dera 2345 metros. É este o número que ele menciona no seu trabalho (2).

Acrescente-se que, pelo que toca à forma da montanha, algumas gravuras antigas, impressionistas, mostram os flancos dela muito inclinados. Na estampa do livro de Boid vemos ângulos agudos de 40-60 graus e na figura de Heather o contorno aparece com cerce de 60 graus. Hartung, porém, em 1860, mediu o declive cuidadosamente em oito direcções diferentes e chegou à conclusão que em todas elas a inclinação ia quando muito a 35 graus, já perto do cume da montanha. Os seus esboços mostram cerca de 3 a 5 graus perto da base, 12 a 29 graus a meio, e 35 graus perto do cume. Guppy calculando o declive pela altura e distância e distância à costa mais próxima, do lado do sul, achou um ângulo médio de 27 graus. Ele faz notar que mesmo assim este declive é bastante superior ao da montanha de Tenerife, que apresenta um declive de 15 graus apenas.

Bullar deixou um interessante relato da sua ascensão, feita durante a sua estada nesta ilha em Maio de 1939. Os leitores devem lembrar-se de que há cem anos isto era um acontecimento notável, pois nem se podia alugar um cavalo ou burro para transporte, nem encontrar cama numa hospedaria. A dificuldade de viajar nesta ilha deveria ser neste tempo muito grande. Embora ele não faça menção disso, é provável que tenha partido da Madalena, povoação perto da costa. Bullar levou nove horas a subir a montanha e três a descê-la. Pelo que toca a calçado, sapatos, botas ou sandálias de couro, eram totalmente impróprias. Levou um par de botas fortes, de caça, que se mostraram excelentes; nem muito pesadas, como se poderia esperar, nem susceptíveis de escorregarem ao passar nos rochedos e pedregulhos. E maior curiosidade apresenta isto pelo facto de naquele tempo ninguém ter pensado ainda em calçado de montanhês, daquele género, como hoje se usa.

Foi no dia 10 e 11 de Maio que Bullar e os seus companheiros fizeram a ascensão e viram que, perto do cume, o orvalho que se tinha depositado nas concavidades da lava, se tinha coberto de uma camada de gelo durante a noite. Guppy afirma que a neve no Inverno não se mantém com grande espessura, mas no fim de Abril ainda se pode ver alguma neve acumulado nos lugares onde não bate o sol, e em buracos. Em Junho ela desaparece completamente. Uma fotografia que comprei a um fotógrafo na Horta, tirada em Abril de 1934, mostra o Pico branco de neve por ali abaixo até perto do quarto «gô» (3). Isto parece contudo ser um caso excepcional.

T. H. Huxley fala desta montanha no fim do diário da sua famosa viagem a bordo do «Rattlesnake». Quando vinham de volta para a pátria, o navio tocou nos Açores e Huxley subiu ao Pico. Foi isto em Outubro de 1850. Ao ver esta linda montanha, de longe, ainda no alto mar, imaginou como seria belo ver nascer o Sol lá do cimo e pôs na ideia subi-la.

Convidou alguns membros da tripulação, desembarcou, contratou uns carregadores e alugou um cavalo. Começaram a subida à tarde e dormiram a





pico 2005

projecto

meio do caminho. Levantando-se depois pelas duas da madrugada, continuaram a subida com auxílio de archotes. Ao aproximaram-se porém do cimo, Huxley foi atacado repentinamente de fortes palpitações do coração, devido à sua idade. Não pode por isso caminhar mais e deixou-se ficar ali mesmo. Os seus três companheiros chegaram lá cima. Como o caminho que seguiam ficava do lado oeste da montanha, não puderam ver o nascer do Sol, mas o cenário oferecido pelas nuvens e pelo mar, ao alvorecer, visto em redor, de uma altitude superior a 7000 pés, era indescritível. Ele escreveu com grande admiração: «**Se alguém tentasse pintar um cenário destes, teria de juntar em si próprio a arte de Ticiano, de Claude e de Turhen**».

Pelo que diz respeito a descrições científicas desta montanha, do seu formato e da sua constituição geológica temos em primeiro lugar a de Hartung. Segundo Friedlander, é notável a ausência de tufo, de cinzas e de blocos, e a lava consiste principalmente de basalto contendo boa percentagem de feldspato. Além disso contém grandes cristais de olivina e augite. O ponto mais alto da cratera fica no bordo leste da mesma, a qual tem uma profundidade de 70 metros aproximadamente. No lado de nordeste existe um cone mais pequeno com uma segunda cratera.



A respeito da flora desta montanha deu Guppy [1917] informações detalhadas baseadas na sua própria exploração dela e distinguiu três zonas de distribuição das plantas, tal como se segue, corrigindo opiniões anteriores.

A primeira é a zona de mato, interior, ou zona da **Myrica**, que se estende desde a beira-mar até uma altitude de 2000 a 2500 pés. Abundam nessa zona **Myrica faya**, **Erica azorica**, ou urze e **Laurus canariensis**. A segunda é a zona de mato,

expedição científica





superior, ou zona do **Juniperus**, que vai da altitude de 2000 pés até à altitude de 2500 pés, embora haja arbustos mais para cima, até uma altitude de 5500 pés. Entre 2000 e 3000 pés a flora é de transição da zona da **Myrica**, encontrando-se ali plantas das duas zonas, misturadas.

Característicos da zona do **Juniperus** são **Juniperus oxycedrus** var. **brevifolia**, **Daphne laureola** e **Euphorbia stygiana**, além de alguns fetos, tais como **Dicksonia culcita** e **Aerostichum squamosum**. A terceira zona, a do cume, vai dos 5500 pés até ao alto da montanha. Por entre a lava e as escórias apenas vegetam por ali **Calluna vulgaris**, rapa, **Thymus serpyllum** var. **angustifolius**, **Mensiesia polifolia**, etc.

Além das três zonas mencionadas pode ainda considerar-se uma zona de terras altas, húmidas, entre as altitudes de 2000 e 4000 pés. Esta área alargou-se notavelmente, graças à limpeza sem mais consideração da zona do **Juniperus**. Aqui vemos plantas bem comuns e características, tais como: **Pteris aquilina**, **Polytrichum** e **Sphagnum**.

- (1) Lawton Mackall, 1931. «Portugal for two». New York.
- (2) No recente levantamento geodésico, feito pelo Instituto Geográfico e Cadastral, achou-se que a altura exacta do Pico é de 2352 metros [J.A.].
- (3) Os japoneses dividem o declive de uma montanha em 10 secções, ou «gôs», numerando-os de baixo para cima. Assim, o 4º «gô» corresponde a 4/10 a partir do sopé da montanha.



In: **UMA VIAGEM PELO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES**. Hiroshi Ohshima. 1956.
Açoreana, vol. V, número 3, 272-276.





PICO – TERRA BALEEIRA

Descoberta em 1449 pelos navegantes que aportaram ao Faial (1443) e se estabeleceram nas Lages. A sua superfície é de 447 km² com uma população de 21 750 habitantes. Em 1867 a população ascendeu a 27 077, (máximo registado por todos os censos). O Pico está dividido por três concelhos: Madalena, Lages e São Roque. Faz parte do Distrito Autónomo da Horta.

A costa é pouco recortada. Em frente à Madalena há dois pequenos ilhéus: «Deitado» e «em Pé». Pequenas enseadas: Caia do Pico, Lages, Madalena, Calhau, Areia Larga, Prainha e Calheta. As pontas principais são Casteleto, Queimado, Trombetas e Baixa.

Geograficamente toda a ilha está envolta numa cadeia de montanhas culminada pela grandiosidade do Pico cujo cone, em sucessivas erupções atingiu a cota mais alta de todo o continente português (2351 metros). As encostas são declivosas até junto ao mar. Há outros picos de grande altura como sejam os de Caveiro (1706), Topo (1007), Grotões (1008), Lage (968), Landroal (887), Cone d'Água (819) e Cabras (771). Desta imensidade de picos surgem como, por encanto, lagoas (acumulação de águas das chuvas), como as do Caiado, Capitão, Paul, Rosada, Ilhéu, Peixinho, João Inácio, Negra e Lageinha. Por falta de água potável as cisternas pululam por toda esta encantadora ilha.

A economia picarota está na criação de gado leiteiro e na pesca, principalmente, na caça ao cachalote e à albacora. O vinho que predomina no terreno pedregoso foi no século passado o melhor autor de divisas pois atingiu a cifra de 15 000 pipas. À mesa do Czar da Rússia só se servis este capitoso néctar. Hoje, pensa-se na valorização do vinho branco, sercial tipo «Xerez». Predominam também árvores de fruta (figueira, laranjeira, ameixoeira, macieira e pereira) que é vendida a bom preço, na vizinha Horta. Do figo faz-se a aguardente por processos ainda rotineiros do alambique.

Presentemente os serviços florestais estão a desenvolver uma campanha para divulgação do cultivo de formas de milho híbrido com produção tripla do da região.

Os terrenos agricultados localizam-se na faixa costeira até 30 m. de altitude e principalmente, à volta dos centros urbanos. Daí para cima, dominam as pastagens naturais e as matas de lenha. São agricultados 10 155 hectares, correspondentes a 25% da área total da ilha.





pico 2005

projecto

Do ponto de vista agrológico, o Pico divide-se em duas regiões: a Oeste, o solo é delgado, pobre, muito pedregoso, resultante de materiais ainda em princípio de meteorização de erupções vulcânicas recentes («mistérios») e «biscoitos»); a Leste, as cinzas, areias e outros materiais prioclásticos finos que deram origem a solos fundos e férteis, fáceis de trabalhar. Aos dois tipos de solo correspondem culturas completamente diferentes: nas parcelas pedregosas avultam a vinha, árvores de fruta e a batata doce. Nos solos evoluídos, cultiva-se milho (base da alimentação do povo), batata doce e comum, trigo, feijão e produtos hortícolas.

O Pico é das ilhas com maior possibilidade de reservas de vegetação natural.

A vila da Madalena, em frente à Horta, tem um modesto porto acostável a pequenas embarcações. Pede um porto de abrigo, em condições e um aeródromo, para servir toda a Ilha do Pico. É interessante uma visita ao miradouro do Cachorro – uma infinidade de bocas do inferno... Também digna de visita a Quinta das Rosas, na canada do Mato onde se pode admirar uma valiosa colecção de plantas ornamentais.

Foi elevada a vila em 1723, extinta em 1895 e, de novo, restaurada em 1898.

É presidente do Município Manuel Cristiano de Fraga Bettencourt e Simas.



São Roque que dista a 20 kms. Da Madalena e a 55 das Lages foi elevada a vila em 1501. Muito típica. Todo o concelho é um permanente itinerário turístico. Na casa onde estivemos hospedados havia em frente, uma piscina natural, rodeada por rochedos. Quando o mar estava bravo assistia-se a um espectáculo único: as ondas subiam e desciam por entre os rochedos desenhando, no espaço, formas e configurações humanas, num repetido exercício de bailado clássico. Um espectáculo que não é fácil repetir-se. Os Açores, afinal, estão cheios destes espectáculos, por toda a parte.

expedição científica





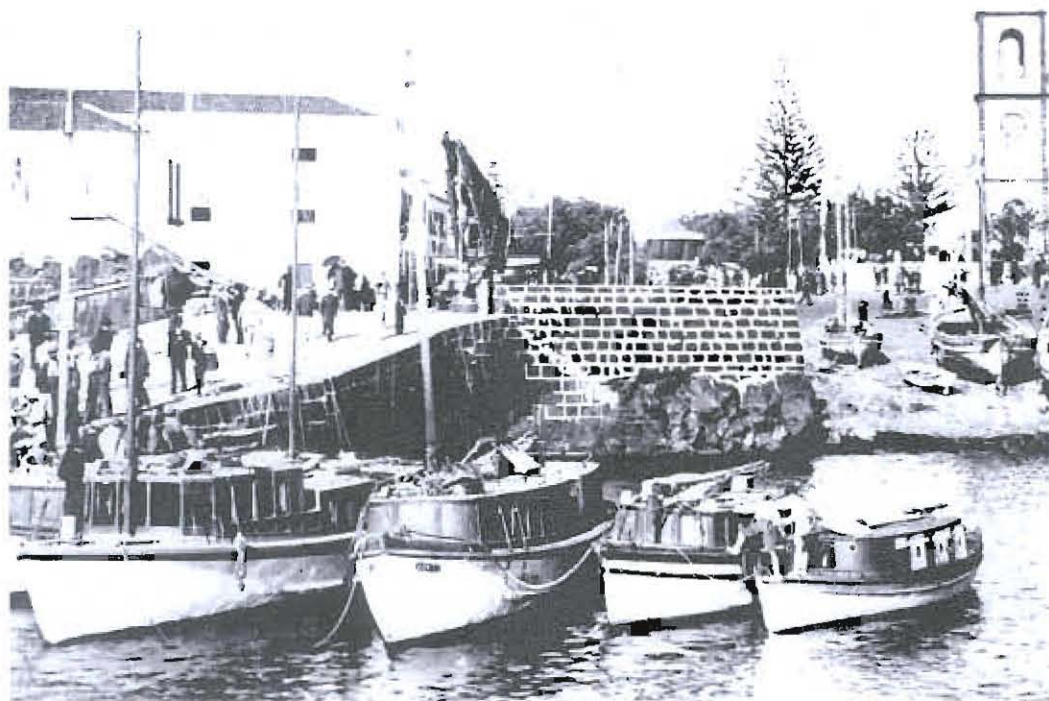
pico 2005

projecto

É aqui e, nas Lages, que há campanhas de baleeiros e fábricas de óleo e de farinha dos cachalotes apoados. À frente da edilidade está o industrial José Cristiano de Sousa.

Lages, como todas as localidades, também tem as suas aspirações. Melhoria do porto e segurança das embarcações; acesso à montanha do Pico, com instalações hoteleiras condignas; alargamento de estradas numa zona de hectares de terreno que não foram ainda aproveitadas e são de enorme valor turístico e agricultável; um quartel de bombeiros voluntários (o actual está por completar); estudo pormenorizado do aproveitamento piscícola para defender o interesse das unidades industriais que vivem da conserva do peixe e ainda para garantir a vida dos tripulantes das companhias. Além do Clube Desportivo Lagense existe a Sociedade Literária e Recreativa Lagense.

É presidente da Municipalidade Francisco António Melo Ferreira.



expedição científica

In: ILHAS DE BRUMA – roteiro açoriano. A. Lopes de Oliveira. 1967.





BALEIA ESPECTÁCULO DE VIDA E DE MORTE

Tomemos a ilha do Pico como ilha-padrão, centro baleeiro excepcional. No período de 1954 a 1963 só o Pico teve, à sua conta, a maior produção, num total de 1181,4 toneladas. Quase todo o Arquipélago açoriano [e a Madeira] actuam, vivem e sentem na sua pele todo o dramatismo, a beleza e a grandiosidade do espectáculo único: a pesca à baleia, ou, mais concretamente dizer, ao cachalote. Animal de formas descomunais, possante de força. A cabeça é enorme, mais de um terço do corpo. O esparmacete, o cérebro, pode dar de 12 a 15 barris do melhor óleo. Alguns medem uns bons puxados 25 metros. Mais parecem embarcações. A BALEIA como o vulgo lhe chama, é o melhor e único espectáculo desta gente. O homem bete-se heroicamente, quase corpo a corpo com o colosso. Grande batalha, grande luta, em que muitas vezes o mais forte, sem dúvida, o cachalote, acaba por vencer mas, depois, termina na situação de vencido. Vitória, derrota ou morte nada importa ao baleeiro. Quando o sinal soa de **baleia à vista**, quase sempre dado por foguete, o baleeiro larga tudo, agiganta-se, as forças redobram-se-lhe estranhamente. Tudo empolga para a luta.



Um dos elementos primordiais desta pesca é o vigia. Firme no seu posto, sentinela alerta, com os olhos sempre postos no mar. Sempre na mesma posição, binóculo assestado. Para ele não há horários: de manhã até quase ao





sol posto. Mal come e mal dorme. A vigia é um pequeno compartimento: um espaço exíguo que mal dá para respirar e até para espreguiçar. Está equipada com aparelhos de rádio-telefone.

Há 6 vigias no sul do Pico, a zona principal das operações e a onde há mais armações [S. Mateus, Lages, Ribeiras e Calheta]. Estas vigias estão distanciadas umas das outras cerca de 100 metros e em sítios altos. Os vigias vêm de pais para filhos. Não é ganha-pão que sorria, pois têm apenas de soldada mensal 350\$, acrescida de mais duas diárias, calculadas na produção e despesas das campanhas. Há mais de uma vintena de anos que eles, pacientemente, aguardam um equitativo salário.



Mal o primeiro aviso soa – um foguete – a vida de um povo fica em alvoroço. Todos deixam o que estão a fazer para em gritaria e correria se apressarem para o varadouro. Noutro lado, celebrava-se, judicialmente um contrato de penhora. Tudo desapareceu, o juiz, mais as outras personagens intervenientes.

Um casamento: noivos e convidados lá foram a correr por motivo da baleia. Um enterro: o padre, o sacristão e os acompanhantes deixaram o morto, a caminho do cemitério e abalam para a baleia. A vida parou nos ponteiros do relógio de um povo. Só a vida dele recomeça quando a pesca finalizar.

Entretanto os baleeiros aprestam-se. Retiram os barcos, cascas de noz dos barracões onde se encontram. Tomam posições.

Normalmente a tripulação compõe-se de sete homens: **trancador, bair, ante-avante, avante-à-ré, vogal e oficial** que faz de **mestre**. Todos eles têm a sua missão. Os remos cadenciados vão cavando vigorosamente as ondas, enquanto um barco, ao largo, a motor, lhes presta assistência e o vigia vai

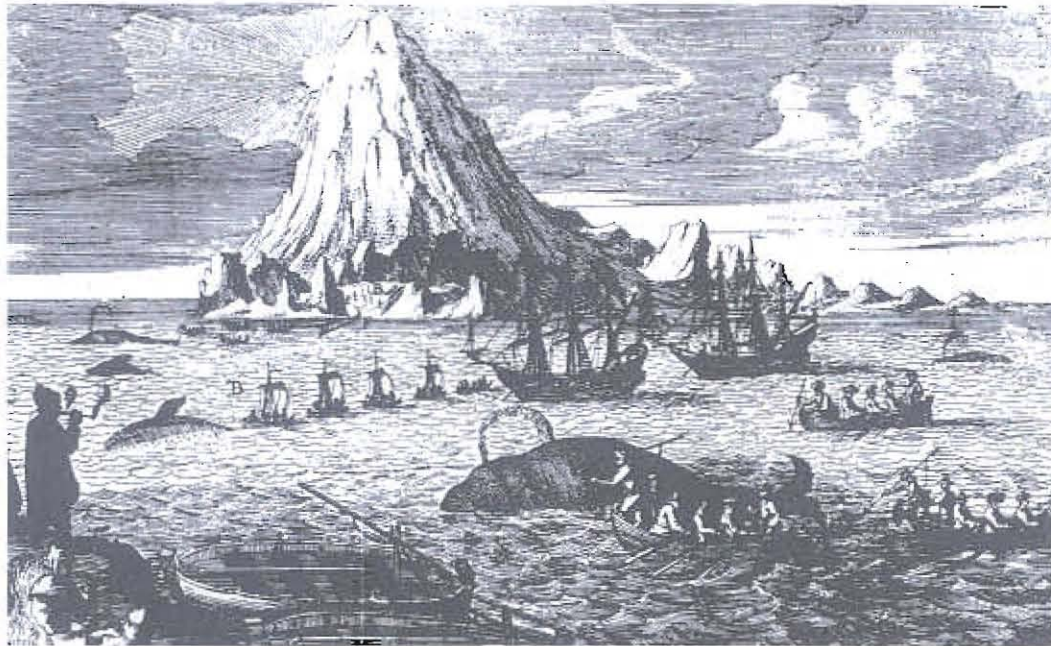




indicando a rota do cardume. A casca de noz quase que voa em direcção ao cardume, que velozmente foge como seta. É extraordinário o esforço destes homens para chegarem primeiro à luta. Chamam nomes uns aos outros, os piores que não figuram na escala da dignidade humana. Mas é como nuvem que paira apenas naquele instante.

Quando a distância é grande e o vento é de feição os panos das velas correm e funcionam cada uma delas com sinais pintados a negro: quadrado, estrela ou losango, etc., distintivos das empresas de cada companhia. Quando se aproximam da presa, fazem-na com toda a cautela, pois o cachalote tem grande sensibilidade auditiva.

Os olhos dos cetáceos são pequenos, mal se vêem. Olham em frente. Por isso, a embarcação tem de o acompanhar lado a lado, quase em silêncio. Momento arrepiante e de expectativa. Os corações param. O ar engole-se. Uma suspensão de viver. O arpão é disparado quase a um metro de distância, por mão certa, tal e qual o toureiro farpeia o touro no redondel.



O arpão é um ferro com 57 cm, de lâmina e 2 metros de cabo. Quando a baleia fica mal trancada aplicam o **Chatoupe** que vai aguçar o arpão. A presa sente-se mortalmente ferida e lança-se, precipitadamente, na fuga. O espectáculo ganha, então, mais emoção, mais calor. Mas, o arpão está ligado ao cabo de reboque (**estorpo**) deixando correr a linha sem conta e a grande velocidade, sobre o mar agitado e tinto de cor vermelho.

Quantas vezes, o colosso não só atira com a embarcação para o mar, desfazendo-a, em pedaços, mas também volta-se para os homens, de boca





aberta, como fera autêntica. Noutras vezes não é o cachalote, a causa da morte, é a falta de cais, como aconteceu em 9-XI-1967, com a canoa **Cristóvão Manuel**, de Santa Cruz da Graciosa, que num rude golpe de mar se virou, perecendo os seis tripulantes, salvando-se apenas um, o arpoador Firmino Rodrigues.

Nestes lances, de morte ou de vida perdem-se vidas de muitos baleeiros. Quantas vidas este misterioso mar não guarda no seu seio?



«Manuel Alves continuando a desafiar a tão interessante quanto eriçada meada de aventuras de baleeiros, diz-nos: um dia arriámos a um cardume de baleias pela Queimada fora. No bote em que arriei, ia de oficial o mestre José Alves, um valentão que tinha andado embarcado em baleeiras americanas durante muitos anos.

Uma hora depois, estávamos sobre elas e trancámos uma; esta rolando, ferida pelo arpão, revirou o bote, partindo-lhe uma tábua. Ainda assim tivemos sorte, porque a baleia ficou ali parada, dando tempo de cortar a linha, pois, se tivesse caminhado com o bote, deixando-nos sobre a água desamparados, poucos teriam escapado, porque só nos chegou socorro cerca de uma hora depois do desastre.

O bote era pequeno, medindo apenas 27 pés e além disso estava tripulado por oito homens, na maioria velhos. Durante essa hora de espera, que pareceu um dia, o mestre, mandou-me e a outro mais novo, que juntássemos as cestas, remos e tudo quanto pertencia ao bote e andavam sobre o mar, dispersos à deriva.





Sucedeu, porém, numa das vezes em que me aproximei do bote, o mestre José Alves, meu tio, chamar-me. Obedeci, chegando-me para junto dele, que se encontrava agarrado à borda do bote um tanto aflito. Na boa fé de lhe prestar auxílio, abeirei-me do homem. Ele, então, num esforço supremo, prendeu-se com mais energia à borda do bote, trancou os pés nos meus ombros e atirou-se para cima do bote.

Enquanto ele subia, eu descia a boa profundidade, e tomado de surpresa, bebi grande quantidade de água mas, quando voltei acima e me enchi de ar, voltei-me para ele e com voz trovejante disse-lhe: - ó nosso amigo!... nada disso, não é assim que se faz!... Mas, José Alves estava em cima do bote enmurenhado como cão que apanhou pedrada, mas estava fora da água e eu metido até ao pescoço com o estômago cheio de água!...

Dizem e, é verdade, que não há pior cunha que é a do pau. José Alves era meu tio, mas não teve pejo nenhum em me meter no fundo para se guindar acima do bote para se salvar.» (1)



Em terra o espectáculo não é menos vivo. É raro assistir-se de terra ao que se passa no mar alto. Nos últimos tempos, em 1957 e, em Dezembro de 1965, presenciou-se de terra, à vista desarmada ao arpoamento de onze baleias, no canal entre as ilhas do Pico e de São Jorge.

Por isso, o grande recurso é ainda o rádio. Escuta-se o rádio em casa ou no café. Formam-se partidos como se aquilo fosse futebol, um Sporting - Benfica. Porque aquela tripulação é a melhor; a que tem um arpoador que já, à sua conta, deu a morte a muitos cetáceos; porque é valente, tem um bom golpe de vista e de pernas, eu sei lá, um cortejo de porquês e outros tantos de adjectivação...





Há os que assistem a tudo silenciosos, os de mais idade, que rememoram o que foram e o que são (2). Muitos deles foram bravos no mar e da pesca do cachalote. Hoje, sombras do passado, vivem aquele doce momento, como se tivessem rezando as contas de um longo terço. José Lima, já falecido, como o oficial que mais arpoou na Ilha do Pico.



A baleia vem a reboque. Há festa na recepção, com música e foguetes. É dinheiro que chega. Homens aprestam-se na faina. Começa o desmanchar de baleia. Quadro vivo que nunca mais se perde na memória. O espelho, instrumento cortante com um cabo de madeira entra em função. Um guindaste retira da água outra enorme baleia, e outra e ainda outra. Um nunca mais acabar...Tudo indica que foi desta vez a apanha de um outro cardume. Um cemitério de ouro.

Por toda a parte vasilhas ensebadas, barris de óleo, montões de ossos, resíduos de lenha e toucinho branco, cortados em grandes pedaços. Sobe o fumo nas fábricas, que reduz tudo aquilo a pó em menos de um fósforo (3). Os cães famintos farejam e comem. Da massa encefálica saiem depois excelentes produtos cosméticos. Quem havia de dizer! O resto é feito para rações de animais. Alguém, aqui ao lado, um entendido, disse-nos que em cada cachalote, em média, está calculada a produção de 4.850 kilos de fino óleo. Em 1963, só o Arquipélago açoriano produziu 305.813 kilos de farinhas. Os meses melhores para a pesca é de Maio a Setembro, sendo dos melhores meses o de Julho. Mas todos os anos há acréscimo de produção. E ainda bem que é assim. Há um cheiro a **fartum**, por toda a parte, que nos fica nas narinas durante um ror de tempo. É um cheiro pestilento que dá a volta ao estômago.



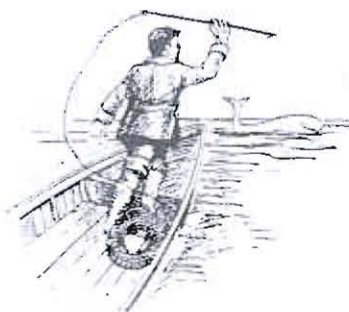


A baleia dá outra riqueza – o âmbar, que é o excremento da fera, de valor precioso como catalizador de perfume. A princípio houve quem pensasse que fosse excremento de aves ou, então, uma forma congelada de goma. O branco é o melhor e relativamente raro. Só o macho é que produz âmbar. Em 1913, Londres registou a maior quantidade de âmbar: cento e tantos kilos. Posteriormente, na Noruega, em 1931, foi assinalada uma pedra de âmbar com cinquenta e tal kilos.

Enfim, a baleia é sinal de prosperidade, é oiro que entra por todas as portas deste bom povo açoriano através da exportação com o estrangeiro [Holanda, Alemanha, Espanha, etc.].

E, ao pensarmos no processo rotineiro destes açorianos lembramos o de outros, mais evoluídos e de maior perigo para o homem, como aquele praticado pelos pescadores da Noruega, Inglaterra, Japão, Rússia, África do Sul, Panamá, entre outros mais, em que o arpão é disparado por um canhão. Também o navio-oficina, com instalações das mais modernas e com o mais apreciável equipamento, última palavra dos instrumentos náuticos, mantêm-se no alto mar de Novembro a Abril, e ali procede a todas as operações de aproveitamento dos cetáceos. Apesar de tudo estar previsto, num conforto relativo e num mundo de distração [exibem-se, na sala de projecção, os melhores filmes do ano], todas as épocas enlouquecem homens (4).

A **baleia** é de facto uma **razão de vida e de morte**.



(1) esta uma das muitas histórias verdadeiras, contadas pelos baleeiros recolhida por Alberto Pereira de Lemos, **Gente da Terra e do Mar**, in: **Boletim do Núcleo Cultural da Horta**, vol. III, número 2, 1963.
(2) Hermann Melville [1819-1891], marinheiro e romancista norte-americano que se dedicou a escrever sobre a pesca à baleia, considerava: o açoriano um dos grandes **baleeiros do mundo**. Alguns deles, após terminadas as campanhas tomaram parte activa na exploração do Far West, na pista das minas de oiro da Califórnia, uma das causas que fomentaram a larga corrente emigratória. [3] Como título de curiosidade apontam-se as principais empresas armadoras baleeiras existentes no Arquipélago. [4] Georges Blond, in: **A Grande Aventura das Baleias** [tradução portuguesa de Carlos Branco, 1966].

In: **ILHAS DE BRUMA – rotelo açoriano**. A. Lopes de Oliveira. 1967.





ALGUMA BIBLIOGRAFIA SOBRE A ILHA DO PICO

- AFONSO, João, 1973. O Trajo nos Açores – subsídio para estudo de vestimenta antiga. Separata do boletim do IHIT. Angra do Heroísmo.
- ARQUITECTURA POPULAR DOS AÇORES, 2000. Lisboa. Ordem dos Arquitectos.
- ARRUDA, Manuel M. Velho, 1977. Colecção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores. Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- ÁVILA, Ermelindo, 1960. Comemorações Henriquinas nas Lages do Pico. Boletim do NC da Horta.
- ÁVILA, Ermelindo, 1988. Ilha do Pico – suas origens e suas gentes. 85 pp. Edição da Câmara Municipal de São Roque do Pico.
- BARROS, Carlos V. S. & Renée F. Pasquiel, 1989. Pico. 244pp. Edição da Direcção Regional de Turismo dos Açores.
- BESSONE, Porfírio, 1932. Dicionário cronológico dos Açores. Cambridge, Mass. Estados Unidos da América.
- BRANDÃO, Raul, s/d. Ilhas desconhecidas. Edição Perspectivas e Realidades. Lisboa.
- BULLAR, Joseph & Henry. 1949. Um Inverno nos Açores e um verão no vale das Furnas. Tradução do Dr. João H. Anglin. Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- CAMPOS, Viriato, s/d. Sobre o descobrimento e Povoamento dos Açores. Odíveas.
- COELHO, Manuel d'Ávila, 1961. A freguesia de Nossa Senhora da Piedade na ilha do Pico. Separata do boletim do NC da Horta.
- CORDEIRO, P.^o António, 1981. História insulana – das Ilhas a Portugal sugeytas no Oceano Occidental. Edição em fac-símile da SRCC. Angra do Heroísmo.
- COSTA, Carreiro da, 1991. Etnologia dos Açores II. Edição da Câmara Municipal da Lagoa – São Miguel – Açores.
- COSTA, F. Carreiro da, 1978. Esboço histórico dos Açores. Instituto Universitário dos Açores.
- COSTA, Susana, 1997. O Pico [séculos XV-XVIII]. São Roque. Associação de Municípios da Ilha do Pico.
- CUNHA, José Carreiro da, 1963. Determinantes geográficas do povoamento açoriano. Instituto Açoriano de Cultura/Fundação Calouste Gulbenkian. Angra do Heroísmo. 333pp.
- FRANÇA, Z., 2000. *Origem e evolução petrológica e geoquímica do vulcanismo da ilha do Pico – Açores*. Provas de Doutoramento. Ramo de Geologia. Especialidade de Vulcanologia. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 372 p.





- FRUTUOSO, Gaspar, 1963. Saudades da terra. Livro sexto. Edição do Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL DOS AÇORES – MADALENA DO PICO, 2001. Projecto da Direcção Regional da Cultura executado pelo Instituto Açoriano de Cultura e Câmara Municipal da Madalena. 227pp.
- MACEDO, António L. da Silveira, 1871. História das quatro ilhas que formam o distrito da Horta. Horta.
- MACHADO, F. S. Lacerda, 1916. Dos que povoaram o Norte da Jurisdição das Lages. Porto. [1] 1963 - História do concelho das Lages. Figueira da Foz. [2] 1915 – Os capitães-mores das Lages – notícia histórica e genealógica. Lisboa. [3] 1914 – Os morgados das Lages (ilha do Pico). Lages.
- MADRUGA, Manuel Alexandre, 1957. A freguesia de São João Baptista da ilha do Pico na tradição oral dos seus habitantes. Separata do boletim do NC da Horta.
- MARTINS, António M. de Frias, 1998. Ilhas de azul e verde. Edição promovida por Sociedade Afonso Chaves. Ponta Delgada. 204pp.
- MENESES, A. de Freitas, 1988. O município da Madalena [Pico]: 1740-1764, subsídios para o seu estudo. 188pp. Edição da Câmara Municipal da Madalena.
- MODERNO, Alice, 1901. Açores – pessoas e coisas. 125pp. Ponta Delgada.
- MONTALVERNE, Frei Agostinho de, 1962. Crónicas da província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores. Volume 3. Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- MONTEIRO, Jacinto, 1982. Alguns aspectos da história açoriana nos séculos XV-XVI. Edição do IAC de Angra do Heroísmo. Composto e impresso em New Bedford, Mass.
- MONTEREY, Guido de, 1979. Ilha do Pico – magestade dos Açores. 133 pp. Edição do autor.
- MORTON, Brian, Joseph C. Britton & António M. de Frias Martins, 1998. Ecologia costeira dos Açores. Sociedade Afonso Chaves. Ponta Delgada. 249pp.
- NEVES, P.^o José Maria, 1970. Para a história de Santo Amaro da ilha do Pico. Separata da revista Atlântida, volume XIV, números 2 e 3. Angra do Heroísmo.
- NUNES, J.C., 1999. *A actividade vulcânica na Ilha do Pico do Plistocénico Superior ao Holocénico: mecanismo eruptivo e hazard vulcânico*. Provas de Doutoramento. Ramo de Geologia. Especialidade de Vulcanologia. Departamento de Geociências. Universidade dos Açores. Ponta Delgada. 357p.
- OHSHIMA, Hiroshi, 1956. Uma viagem pelo arquipélago dos Açores. Açoreana: volume V, número 3.
- OLIVEIRA, A. Lopes de, 1967. Ilhas de bruma – roteiro açoriano.
- SARAIVA, J. Hermano, 1979. História concisa de Portugal. Mem Martins.
- SILVA, Manuel, 1951. A Ilha do Pico sob o ponto de vista vitivinícola. Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, 14, 45-58. Ponta Delgada.
- VELOSO, Ana, 1988. A Ilha do Pico e a paisagem dos muros negros. Edição da Direcção Regional de Turismo. Horta.





OUTRAS FONTES

A ILHA, 1957. Semanário micaelense.

AÇORES, Diário. História das igrejas e emidas dos Açores. Um trabalho do Dr. Carreiro da Costa, com base em elementos fornecidos, em algumas das notas, pelo P.^e Júlio da Rosa.

ARQUIVO AÇORIANO, volume XVI.

ARQUIVO DOS AÇORES.

ARQUIVO MUNICIPAL DA MADALENA.

ARQUIVO MUNICIPAL DAS LAGES DO PICO.

AS LAGES, quinzenário picoense.

BOLETIM DA COMISSÃO REGULADORA DOS CEREAIS DO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES.

BOLETIM DO NÚCLEO CULTURAL DA HORTA.

O DEVER, semanário picoense.

O RESPIGADOR, jornal jorgense. Arquivo da Câmara Municipal das Velas.

RELATÓRIOS E COMUNICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA – Pico/91 – Expedição científica, 1992. Número 20, 112pp.

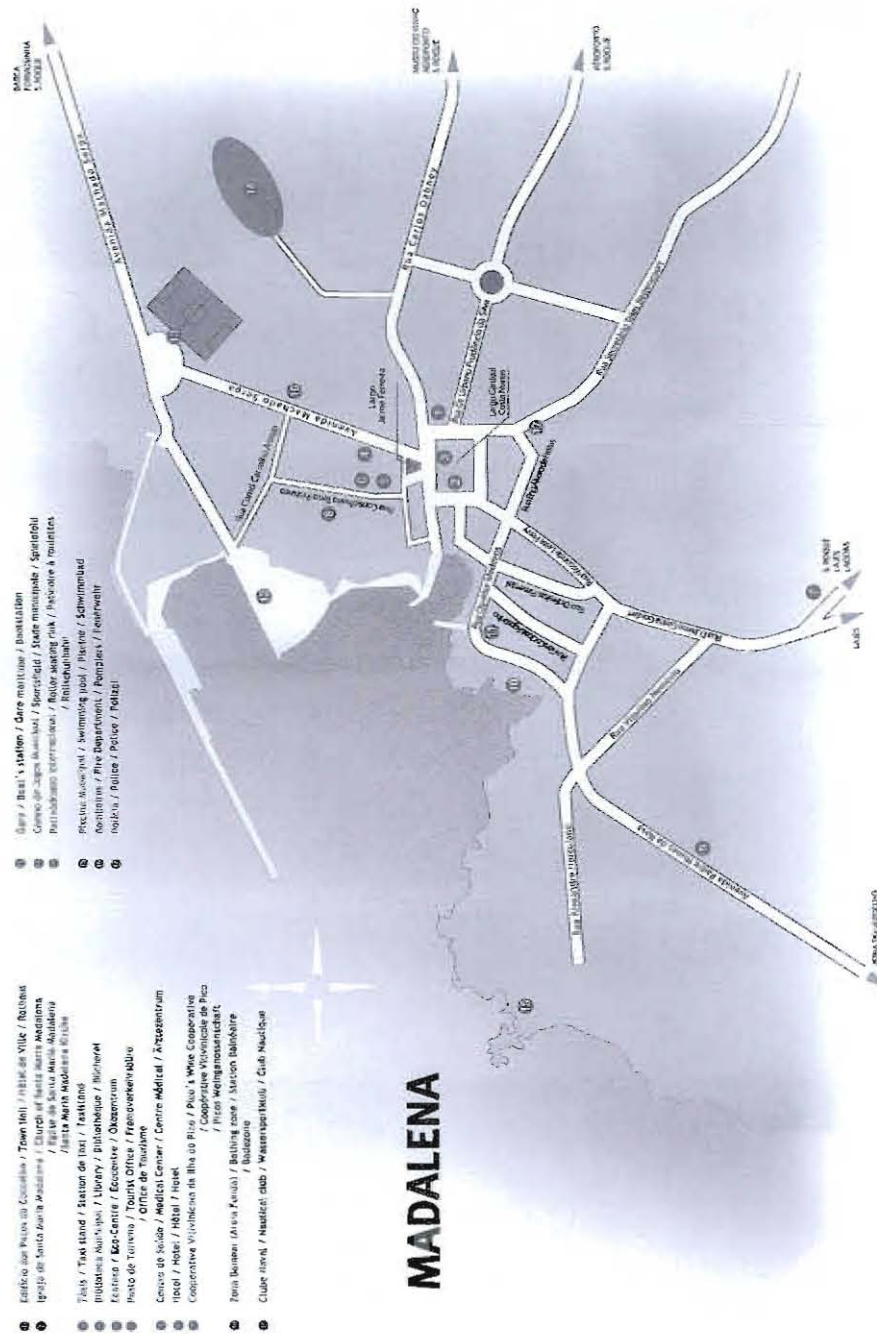
REVISTA MICHAELENSE, 1919.

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO, 1883. Quinzenário.





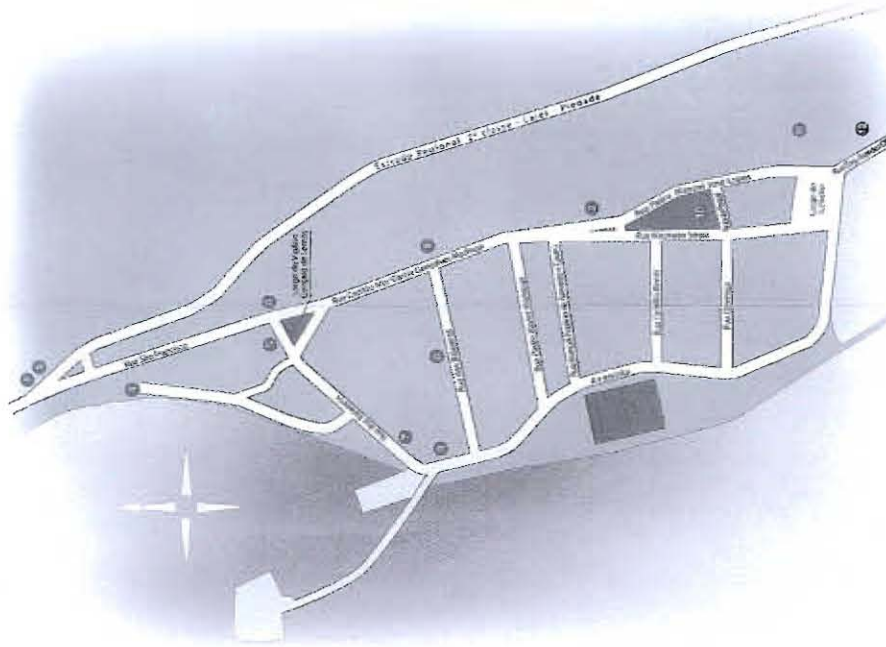
VILA DA MADALENA



expedição científica



VILA DAS LAGES DO PICO



LAJES DO PICO

- 1 Câmara Municipal / Town Hall / Ildefonso Vila / Rathaus
- 2 Correios / Post office / Poste / Post
- 3 P.S. N. / Police / Polizei
- 4 Clube Naval / Nautical club / Club Nautique / Wassersportclub
- 5 Centro de Saúde / Medical Center / Centre Medical / Artzspestrum
- 6 Pension / Family hotel / Hotel familiar / Pension
- 7 Museu das Ilhas / Islands Museum / Musée des îles / Inselmuseum
- 8 Observatório de Ciências / Science Observing / Observatoire de sciences / Wissenschaftling
- 9 Associação Juvenil / Association / Centre Culturel / Kulturzentrum
- 10 Igreja da Santíssima Trindade / Church of Santissima Trindade
- 11 Igreja de São Pedro / Church of São Pedro / Sankt Petrus Kirche
- 12 Parque Campesino / Camping / Campingplatz
- 13 Ermida de S. Pedro / Chapel of São Pedro / Sankt Petrus Kapelle

expedição científica





pico 2005

projecto

NOTAS

expedição científica



- **associação de bombeiros voluntários da madalena**
 - **câmara municipal da madalena**
 - **câmara municipal das lages do pico**
 - **câmara municipal de são roque do pico**
 - **ecoteca da ilha do pico**
 - **filarmónica “liberdade lagense”**
- **parque de campismo das “furnas de santo antónio”**
 - **restaurante “a furna”**
- **serviços da conservação da natureza da ilha do pico**
- **serviços de desenvolvimento agrário da ilha do pico**
 - **serviços de ilha da secretaria regional da habitação e equipamentos**
- **serviços de ilha da secretaria regional da economia**
 - **serviços florestais da ilha do pico**

